



Sumak Kawsa, Suma Qamaña, Teko Porã. O Bem-Viver

Simón Yampara

“Tudo tem vida”: o bem-viver como perspectiva ecobiótica e cosmogônica

Pablo Dávalos

Sumak Kawsay: uma forma alternativa de resistência e mobilização

Davi Kopenawa

Bem-Viver: um aprendizado para a humanidade

E mais:

>> Mario Novello:
“O Universo estava
condenado a existir”

>> Rafaela Barbosa:
A industrialização da
cultura religiosa

Sumak Kawsa, Suma Qamaña, Teko Porã. O Bem-Viver

Nos últimos anos, diversos países latino-americanos, como Equador e Bolívia, incorporaram, nas suas constituições, o conceito do bem-viver, que nas línguas dos povos originários soa como *Sumak Kawsa* (quíchua), *Suma Qamaña* (aimará), *Teko Porã* (guarani). Para alguns sociólogos e pesquisadores temos aí uma das grandes novidades no início do século XXI.

A edição desta semana da **IHU On-Line**, em parceria com escritório brasileiro da **Fundação Ética Mundial no Brasil** (veja o sítio em <http://migre.me/16Mwe>), busca compreender melhor a contribuição específica que trazem os povos originários para a crise civilizacional que vivemos.

Participa desse debate o índio aymara qullana boliviano **Simón Yampara**, professor da Universidad Mayor de San Simón, da Bolívia, e da Universidad Andina Simón Bolívar, do Equador. **Yampara** comenta o conceito do bem-viver a partir de sua experiência concreta em sua Ayllu (tribo). **Pablo Dávalos**, economista equatoriano e ex-vice-ministro de Economia do Equador, defende que as formas ancestrais de convivência indígenas também são formas políticas de resistência ao capitalismo e alternativas para o sistema capitalista. A bióloga equatoriana **Esperanza Martínez**, fundadora da ONG Acción Ecológica, afirma que o bem-viver só pode ser conjugado no plural, pois, para os povos indígenas, a plenitude é construída na comunidade, diferentemente do culto ao individualismo próprio do capitalismo. O pesquisador basco **Katu Arkonada**, que vive atualmente na Bolívia, explica que o bem-viver é um novo paradigma que pode nos ajudar a sair do caos e da crise profunda atuais. Para **Tatiana Roa Avendaño**, ativista e ambientalista colombiana, esta ética permite que os países latino-americanos retomem a utopia de que outros mundos são possíveis, afastando-se do mito bíblico do Jardim do Éden e da visão aristotélica da Boa Vida. O xamã e líder yanomami **Davi Kopenawa** conta sua experiência de vida e de luta pelos direitos do seu povo e de sua terra, que o levou a expor a busca pelo bem viver até nos parlamentos europeus. “Para vocês, floresta é meio ambiente; para nós, ela é uma casa onde se guarda a alimentação e onde vivem outros povos indígenas com seus costumes tradicionais”, afirma. E o teólogo italiano **Quinto Regazzoni**, que vive hoje no Paraguai, analisa a ética e a base teológica do bem-viver, ou teko-logia, buscando aproximações com o conceito de Reino de Deus apresentado por Jesus.

Duas entrevistas e dois artigos completam a edição. Uma entrevista com **Mario Novello**, professor do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), no Rio de Janeiro, e outra com **Francisco José Virtuoso**, diretor do Centro Gumilla e novo reitor da Universidade Andrés Bello, de Caracas, na Venezuela.

“A industrialização da cultura religiosa”, artigo de **Rafaela Barbosa**, mestranda em Ciências da Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade - CEPOS e um perfil da trajetória de vida de **Erwin Kräutler**, bispo de Altamira, PA, completam a edição.

A todas e todos uma excelente leitura e uma ótima semana!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley e Cássio de Almeida. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 04 | Pablo Dávalos: *Sumak Kawsay*: uma forma alternativa de resistência e mobilização

PÁGINA 11 | Katu Arkonada: Descolonização e Viver Bem são intrinsecamente ligados

PÁGINA 14 | Quinto Regazzoni: A relação entre o Reino pregado por Jesus e o conceito de Vida Boa dos povos indígenas

PÁGINA 19 | Simón Yampara: O bem-viver como perspectiva ecobiótica e cosmogônica

PÁGINA 22 | Esperanza Martínez: Nem melhor, nem bem: viver em plenitude

PÁGINA 25 | Tatiana Roa Avendaño: O desafio de retomar os mitos e reencantar o mundo a partir do *Sumak Kawsay*

PÁGINA 29 | Davi Kopenawa: Bem-Viver: um aprendizado para a humanidade

B. Destaques da semana

» Entrevistas da Semana

PÁGINA 32 | Mario Novello: “O Universo estava condenado a existir”

PÁGINA 36 | José Virtuoso: A hegemonia dos EUA na América é contrastada pela Alba e pelo Brasil

» Coluna do Cepos

PÁGINA 38 | Rafaela Barbosa: A industrialização da cultura religiosa

» Destaques On-Line

PÁGINA 40 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Perfil

PÁGINA 44 | Erwin Kräutler

» IHU Repórter

PÁGINA 46 | Luis Henrique Rodrigues



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Sumak Kawsay: uma forma alternativa de resistência e mobilização

Para o economista equatoriano e ex-vice-ministro de Economia do Equador, Pablo Dávalos, as formas ancestrais de convivência indígenas são formas políticas de resistência ao capitalismo e à modernidade e alternativas para o sistema capitalista

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

Não apenas um modo de vida pueril e harmônica entre o ser humano e a natureza: a ética indígena do Bem Viver, na opinião do economista equatoriano Pablo Dávalos, é alternativa ao modo capitalista de produção, distribuição e consumo. É, acima de tudo, parte do “discurso das resistências e das mobilizações”. Por isso, o Bem Viver é “uma forma diferente de relação entre a sociedade e a natureza, e a sociedade e suas diferenças”, na qual “a individualidade egoísta deve se submeter a um princípio de responsabilidade social e compromisso ético”, afirma. Nesse contexto, a natureza é reconhecida como parte fundamental da socialidade humana.

Para Dávalos, que atuou como vice-ministro de Economia do Equador, um dos desafios é trazer o Bem Viver para o debate acadêmico e social, que ainda não incorporou esse conceito ético. Mas houve avanços, como a inclusão da plurinacionalidade do Estado e do *Sumak Kawsay* no texto constitucional do seu país natal. Nesse sentido, afirma, “o *Sumak Kawsay* é a proposta para que a sociedade possa recuperar as condições de sua própria produção e reprodução material e espiritual”, ou seja, “uma nova visão da natureza, sem ignorar os avanços tecnológicos nem os avanços em produtividade, mas sim projetando-os no interior de um novo contrato com a natureza como parte de sua própria dinâmica, como fundamento e condição de possibilidade de sua existência no futuro”. A entrevista que segue foi concedida à **IHU On-Line** por e-mail.

Pablo Dávalos é economista equatoriano e professor da Pontificia Universidad Católica del Equador. Foi vice-ministro de Economia do Equador. Hoje é coordenador do grupo de trabalho Movimentos Indígenas na América Latina do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - CLACSO e professor titular da Cátedra Florestan Fernandes: *Povos Indígenas, Globalização e Estado Plurinacional*, do CLACSO. É membro da Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador - Conaie e edita as publicações do Instituto Científico de Culturas Indígenas - ICCI. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os aspectos centrais da concepção indígena do *Sumak Kawsay* (quéchua equatoriano) ou *Suma Qamaña* (aimará boliviano)?

Pablo Dávalos - A noção de *Sumak Kawsay* (ou *Suma Qamaña*, em aimará), faz parte do discurso político dos movimentos indígenas do continente e, como tal, faz parte de seu projeto histórico e político. Essa noção foi recriada a partir de uma confirmação das vivências ancestrais dos povos indígenas e de sua forma de construir sua socialidade e sua relação com a natureza. Na recuperação de suas formas ancestrais de convivência, os

povos indígenas encontraram, de um lado, as formas políticas de resistência ao capitalismo e à modernidade e, de outro, as alternativas para esse mesmo sistema capitalista.

Os movimentos indígenas têm sido considerados, na academia ocidental e moderna, como parte dos novos movimentos sociais, com uma agenda nova e suscetível de ampliar o horizonte dos direitos humanos para os direitos de terceira geração. No entanto, essa definição de movimentos sociais oculta o sentido histórico de suas demandas e os converte em mais um momento do liberalismo. Com efeito, a partir do discurso liberal, gerou-se a noção

do multiculturalismo para processar as demandas indígenas como propostas particulares, que, em geral, legitimam o sistema capitalista e o projeto da modernidade ocidental. Para se diferenciar da etnofagia do multiculturalismo, os movimentos indígenas propuseram uma forma diferente de contratualidade e de socialidade. Essa demanda pela abertura da contratualidade liberal para que possa albergar em seu interior as diferenças radicais que atravessam e constituem as sociedades se expressa em seu projeto de Estado Plurinacional.

No Estado Plurinacional, as demandas dos direitos coletivos mudam de

perspectiva, porque o Estado deve se reconstruir de maneira tal que a contratualidade, que o constitui juridicamente, possa agora incorporar as diferenças radicais que o formam. Nesse sentido, no Estado Plurinacional os direitos coletivos perdem o sentido e a consistência que têm no discurso do liberalismo, porque abrem o discurso do direito a horizontes que não tinham sido considerados pela modernidade. Em outras palavras, os direitos coletivos não expressam o avanço do projeto político dos movimentos indígenas, mas sim a necessidade que o liberalismo tem de discipliná-los e integrá-los ao projeto capitalista, liberal e moderno.

O *Sumak Kawsay* e a plurinacionalidade do Estado

É a partir dessa perspectiva política e histórica que deve ser visualizada a noção do *Sumak Kawsay*. Essa noção só pode ter sentido no interior dessa demanda por Estado Plurinacional, ou seja, como uma contratualidade que incorpora as alteridades radicais e como parte das propostas de interculturalidade, na perspectiva de abrir a sociedade ao reconhecimento e ao diálogo das diferenças radicais que a atravessam e a formam. A partir de um estado plurinacional e de uma sociedade intercultural, pode-se compreender e se construir uma forma diferente de relação entre a sociedade e a natureza, e a sociedade e suas diferenças. Essa forma de relacionamento, que não tem nada a ver com os comportamentos de indivíduos egoístas que maximizam suas preferências, pode ser atribuída à noção de *Sumak Kawsay*.

Da mesma forma que o de Estado Plurinacional é a alternativa à contratualidade liberal do Estado moderno, e a interculturalidade é a condição de possibilidade para que a sociedade possa se reconhecer nas diferenças que a constituem, o *Sumak Kawsay* é a alternativa ao modo capitalista de produção, distribuição e consumo. É também uma alternativa para o mecanismo de regulamentação social, por meio dos mercados autorregulados, e é uma forma de devolver à sociedade

“Na recuperação de suas formas ancestrais de convivência, os povos indígenas encontraram, de um lado, as formas políticas de resistência ao capitalismo e à modernidade e, de outro, as alternativas para esse mesmo sistema capitalista”

o controle sobre a produção.

O *Sumak Kawsay* propõe, além disso, uma forma de relacionamento diferente entre os seres humanos, na qual a individualidade egoísta deve se submeter a um princípio de responsabilidade social e compromisso ético, e um relacionamento com a natureza no qual esta é reconhecida como uma parte fundamental da socialidade humana. Até agora, é o único discurso e prática coerente que pode deter os desvios predatórios e desumanos da acumulação capitalista, que, no ritmo em que avançam, convertem-se em uma ameaça à vida humana sobre o planeta.

IHU On-Line - O Bem Viver, recentemente, entrou no debate político sobre as Constituições do Equador e da Bolívia. O que significa o resgate dessa ideia no atual momento político e histórico da América Latina?

Pablo Dávalos - A pressão política dos movimentos indígenas, principalmente da região andina, conseguiu posicionar novos discursos que, lamentavelmente, ainda não foram recolhidos pela academia oficial, como no caso da plurinacionalidade do Estado e do *Sumak Kawsay*. Assim, por exemplo, nas faculdades de economia das universidades do Equador e da Bolívia, e em termos gerais, o *pensum* vigente não

incorporou as noções do *Sumak Kawsay* como parte do currículo e da formação acadêmica da economia nacional. Até centros universitários como a FLACSO [Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais] e a Universidade Andina, por exemplo, se converteram mais em espaços que replicam o colonialismo epistemológico do Norte, do que em centros que podem ajudar nos processos políticos de emancipação de seus próprios países.

No entanto, no debate político, a plurinacionalidade do Estado e o *Sumak Kawsay* fazem parte agora da nova contratualidade tanto da Bolívia quanto do Equador. Não só isso: no Equador, a natureza também foi reconhecida como sujeito portador de direitos, e a natureza é mencionada na Constituição política como *Pachamama*.

O fato de que conste no texto Constitucional a apelação ao *Sumak Kawsay* e à plurinacionalidade do Estado não significa que a sociedade boliviana ou equatoriana mudaram os padrões de acumulação capitalista, nem tenham transformado as relações de poder que os atravessam. Significa que foi posicionado um discurso que deve ser sustentado a partir da práxis política dos movimentos indígenas.

Os desafios de *Abya Yala*

Porém, a América Latina (na visão colonial da geografia dominante; *Abya Yala*, a partir da perspectiva dos povos indígenas) está sendo submetida a processos de aprofundamento do extrativismo em todas as suas formas, que vão desde o extrativismo petrolífero, minerador ou madeireiro, até a indústria dos serviços ambientais. Também está sendo submetida à intervenção e ao controle das organizações sociais por meio das transferências monetárias condicionadas e dos projetos de cooperação para o desenvolvimento. Há uma pressão sobre os territórios do *Abya Yala* por parte das corporações transnacionais, e há um projeto para integrar esses territórios em corredores multimodais por meio da Iniciativa de Integração da Infraestrutura da Região Sul-Americana - IIRSA. A expropriação de territórios ancestrais

dos povos indígenas faz parte da continuação da conquista e do saque, e são evidenciados nos casos dos povos mapuche no Chile e na Argentina, nas concessões mineradoras e petroleiras no caso do Peru, do Brasil, na extensão da soja e do monocultivo no Paraguai etc. Os povos que resistem a esse avanço do capitalismo têm sido perseguidos e criminalizados, como foi o caso da população de Dayuma, no Equador, onde o governo de Rafael Correa prendeu quase todo o povoado e o acusou de terrorismo.

O *Sumak Kawsay*, portanto, faz parte do discurso das resistências e das mobilizações. Apesar disso, o Banco Mundial e a cooperação internacional para o desenvolvimento tentam converter essa noção do *Sumak Kawsay* em uma nova variante do etnodesenvolvimento, enquanto os governos da região não hesitam em apontar o texto sempre e quando não interfira no contexto da acumulação do capital.

IHU On-Line - Você diz que o Bem Viver “incorpora uma dimensão humana, ética e holística” ao relacionamento dos seres humanos com sua própria história e com a natureza. Como podemos compreender melhor essas três dimensões?

Pablo Dávalos - O discurso do liberalismo se formou nos séculos XVII e XVIII, em pleno processo de desenvolvimento do capitalismo. Os processos históricos que o formaram foram o despojo e o saque das terras (as leis de *enclousures*, ou cercamentos) e a formação dos mercados de trabalho (as leis dos pobres) na Inglaterra desse período. Por trás desses processos de acumulação originária, subjazia a ideia cartesiana de que o homem era o amo e senhor da natureza, e que a história humana tinha de ser construída a partir de uma ruptura radical com a natureza.

Desde então, o capitalismo constituiu-se sobre uma relação estratégica fundamentada no interesse egoísta dos indivíduos e em uma ruptura radical com a natureza. A moral e a ética que tinham premissas teológicas se dessacralizam e se fundamentam precisamente na ação estratégica dos indivíduos, em que o imperativo ca-

“O *Sumak Kawsay* é uma forma diferente de relação entre a sociedade e a natureza, e a sociedade e suas diferenças, que não tem nada a ver com os comportamentos de indivíduos egoístas que maximizam suas preferências”

tegórico se converte na condição de possibilidade de fundamentar uma relação social baseada nesses interesses egoístas.

Nessa trama civilizatória, os seres humanos se convertem em objetos de si mesmos, e a sociedade se fratura a si mesma. A construção de individualidades egoístas é feita com o custo de fragmentar a sociedade em uma multiplicidade de particularismos que podem ser disciplinados, controlados e manipulados a partir de uma estrutura de poder que administra a vida e a morte como prerrogativa própria. Nessa construção social e de poder, os mercados autorregulados, e o formato mercantil que as relações sociais assumem, excluem qualquer consideração ética e instauram um princípio de eficiência que, por definição, nada tem a ver com a ética, muito menos com sua própria sociedade. Os mercados são eficientes porque não são éticos. A eficiência está em função da lógica custo/benefício de recursos escassos, e nessa lógica a sociedade não tem lugar, nem considerações com relação ao humano e à natureza. O mecanismo que penaliza a eficiência e distribui os recursos escassos chama-se “preços relativos”.

Os preços relativos, por definição, não incorporam à sua lógica nada que tenha a ver com a ética, a moral, a so-

riedade nem a natureza. É a partir dessa lógica que o capitalismo é depredatório por definição e não tem nenhuma visão de respeito nem humano, nem social, nem pela natureza. A noção do *Sumak Kawsay* quer tornar a sociedade responsável pela maneira através qual produz e reproduz suas condições de existência, a partir de uma lógica marcada pela ética, na qual as situações particulares formam o interesse geral, e o bem-estar de uma pessoa não se constrói sobre os demais, mas sim baseado no respeito aos outros, isto é, meu bem-estar pessoal depende do bem-estar dos demais.

No momento em que a sociedade puder recuperar para si mesma as condições de sua própria reprodução e puder instaurar uma lógica de relacionamento social baseada no respeito, incluindo o respeito à natureza, então a sociedade poderá recriar as condições de sua história e recuperá-la, no sentido de que a história é feita pelos seres humanos, e, consequentemente, eles podem transformá-la.

IHU On-Line - Como a ideia do Bem Viver pode ser uma alternativa aos conceitos neoliberais de desenvolvimento social e de crescimento econômico?

Pablo Dávalos - O neoliberalismo se impôs em *Abya Yala*, literalmente, pela violência. Começou com as ditaduras do Cone Sul da década de 1970, que levaram adiante verdadeiros genocídios para impor a lógica dos mercados. Na década de 1980, o neoliberalismo impôs-se por meio do choque macrofiscal do Fundo Monetário Internacional - FMI. A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe - Cepal denominou a década de 1980 como a década perdida. Nos anos de 1990, o neoliberalismo pressionou pela privatização do Estado, pela desregulamentação em favor dos mercados, pela descentralização estatal, pela flexibilização trabalhista e pelo “aberturismo”, por uma série de recomendações conhecidas como reformas de segunda geração.

Para legitimar a violência neoliberal, posicionou-se, com a cumplicidade dos meios de comunicação, a ideia

de que o crescimento econômico pode resolver a pobreza, e que o crescimento econômico somente pode ser levado adiante pelo setor privado e pelo investimento estrangeiro direto.

Essa ideologia foi acompanhada pela violência do Estado neoliberal e pela pressão do capital financeiro internacional para a abertura dos mercados e para a reprimarização das economias da região. Desde então, é considerado quase como um truísmo dizer que o investimento estrangeiro é quase como uma bênção para qualquer país e que somente o crescimento econômico, de mãos dadas com o setor privado e os mercados autorregulados, pode solucionar os problemas de regulamentação social, da alocação de recursos e da distribuição de riqueza. Essas ideias fetichistas dos mercados, dos investidores e da pobreza como um fenômeno estritamente econômico (o famoso dólar diário do Banco Mundial) fecharam o espaço de possíveis humanos a toda consideração que ultrapasse a visão mercantil da história.

No entanto, a ideia neoliberal do crescimento econômico viu-se confrontada pelas evidências que mostram uma concentração de renda como poucas vezes na história do capitalismo, uma “reprimarização” da produção que levou as economias da região ao século XVIII, por meio de uma destruição da natureza com consequências dramáticas, por meio de uma fragmentação e da violência social que se expressam em patologias graves como os assassinatos de mulheres (femicídios), as *pandillas* (gângues), a securitização da vida privada etc.

Sumak Kawsay como desconstrução

É a partir dessa constatação que é necessário uma desconstrução das ideias dominantes sobre a economia, o crescimento econômico, a pobreza, dentre outras. Em primeiro lugar, é necessário demarcar posições com o Banco Mundial e não utilizar o conceito do dólar diário, porque a pobreza não é um fenômeno econômico, mas sim um fenômeno político e que expressa a necessidade do capitalismo de estabelecer relações de poder e dominação a partir do controle estra-

“O *Sumak Kawsay* é a alternativa ao modo capitalista de produção, distribuição e consumo”

tégico da escassez.

Em segundo lugar, é necessário abandonar a ideia do crescimento econômico, porque, *stricto sensu*, não existe. Isto é, se se contabilizam todos os insumos que são necessários para o crescimento econômico, incluindo os custos externos negativos e os custos de oportunidade, o crescimento econômico sempre será negativo. A produção de um bem ou serviço qualquer que incorpore os custos externos e os custos de oportunidade (para falar na mesma lógica neoclássica agora imperante) tornaria impossíveis os mecanismos de mercado, porque os preços seriam exorbitantes.

Em terceiro lugar, se deveria abandonar a ideia de desenvolvimento, porque implica em violência, imposição, subordinação. Não se pode “desenvolver” ninguém, porque cada sociedade tem sua própria cosmovisão que deve ser respeitada, e, se nessa cosmovisão não existe o desenvolvimento nem o tempo linear, então não se pode desenvolvê-la, pensando que se está fazendo um bem a essa sociedade, quando, na verdade, ela está sendo violentada de forma radical.

IHU On-Line - Na América Latina, vivemos em regiões com uma natureza muito rica e abundante. Como o Bem Viver se posiciona diante da noção de abundância? A acumulação tem sentido?

Pablo Dávalos - A natureza não é rica nem abundante, a não ser que se pense em termos monetários e estratégicos. Se abandonarmos a visão mercantil, monetária e estratégica, a natureza deixa de ter “valor”. Então, o valor que pode ser atribuído à natureza está em função do modelo de sociedade que se quer construir. A natureza é a condição de possibilidade para a vida humana, e, em tal virtude, seu relacionamento com as sociedades

humanas depende da forma como elas se visualizam e se projetam no futuro. Uma sociedade mercantil sempre dará valor à natureza e a converterá em parte de suas rendas. Ao mesmo tempo, a natureza será o receptáculo de todos os seus desperdícios, porque não existe nenhuma consideração com respeito a ela que não esteja implícita na noção de valor.

Em sociedades diferentes, em que a noção de valor não existe, a natureza se converte em uma parte da vida dessa sociedade. A natureza se entrelaça de tal forma que está presente em cada ação que essa sociedade gera. Não existe uma separação entre sociedade e natureza. Isso não significa um retorno às noções de bom selvagem do Iluminismo europeu do século XVIII, mas uma consideração diferente no que diz respeito à natureza. Uma sociedade pode chegar a ser altamente tecnológica e produtiva, integrando a natureza em sua própria dinâmica interna.

O conceito de *Sumak Kawsay* permite exatamente isto: uma nova visão da natureza, sem ignorar os avanços tecnológicos nem os avanços em produtividade, mas sim projetando-os ao interior de um novo contrato com a natureza, em que a sociedade não se separa desta, nem a considera como algo externo ou como uma ameaça ou como o Outro radical, senão como parte de sua própria dinâmica, como fundamento e condição de possibilidade de sua existência no futuro.

IHU On-Line - Em uma sociedade globalizada e mundializada, como o Bem Viver entende a noção de indivíduo e de alteridade?

Pablo Dávalos - A noção de indivíduo é uma construção política da burguesia. Os indivíduos sempre estiveram condicionados por relações de família, de comunidade, de sociedade. Seu senso de individualidade sempre esteve na perspectiva de pertença a uma comunidade determinada. Os indivíduos sempre buscam referentes de sua identidade nos demais. O indivíduo só e atomizado do discurso liberal nunca existiu na história. O indivíduo separado de sua comunidade é uma criação da burguesia. As relações de poder que

esta gera atuam justamente sobre os indivíduos para fragmentar qualquer solidariedade que estes possam gerar com sua comunidade e sua sociedade. A burguesia criou o mito de Robinson Crusoe no século XIX para fundamentar e legitimar as relações de poder que estava criando.

A noção que dá conta dessa imposição do poder sobre os indivíduos e de sua fragmentação consta na teoria econômica moderna como *homo economicus* (homem econômico), que é o conceito de base para a moderna teoria econômica do consumidor e que serve de marco analítico para compreender a economia capitalista em seu conjunto; e a noção de cidadão como um indivíduo que assinou embaixo de um contrato social para criar o Estado moderno.

Tratam-se de metáforas fundantes que só têm relação e explicação no interior do projeto burguês de sociedade e de Estado. Nesse projeto, as alteridades como tais não existem. Elas não têm consistência ontológica. Ao não existir, as alteridades radicais são invisíveis. Para serem visíveis, têm de deixar de ser alteridades. Os povos indígenas que estão longe tanto das noções de consumidor quanto das de cidadão, para fazer parte do debate atual, têm que ser visualizados e indicados justamente como aquilo que os violenta e os agride, isto é, como consumidores e como cidadãos.

O Estado plurinacional é a proposta que os povos indígenas criaram para abrir o espaço de possíveis humanos para que a alteridade radical possa caber na conformação dos Estados modernos, enquanto que o *Sumak Kawsay* é a proposta para que a sociedade possa recuperar as condições de sua própria produção e reprodução material e espiritual.

IHU On-Line - Para a modernidade ocidental, o tempo é visto como algo linear, com o passado atrás, e o futuro à frente. Como se dá a relação com o tempo a partir da noção do Bem Viver?

Pablo Dávalos - O tempo linear é uma criação da modernidade ocidental e capitalista. Todas as sociedades construíram o tempo de forma cultural, e

“A noção do *Sumak Kawsay* quer tornar a sociedade responsável pela maneira através da qual produz e reproduz suas condições de existência, a partir de uma lógica marcada pela ética”

nessa forma o tempo estende pontes com seu passado e com seu futuro, de modo que ele é circular. Os eventos de agora explicarão e contextualizarão o futuro, porque esses eventos de agora já foram construídos, de certa maneira, no passado.

Na modernidade capitalista, fraturou-se essa relação em que o presente estende vasos comunicantes com seu próprio passado e com a forma de construir seu futuro. Essa fragmentação é a chave para a valorização do capital. Somente no tempo linear as taxas de juro e a acumulação financeira têm sentido e coerência. As taxas de juros antecipam no tempo uma produção futura. A especulação financeira antecipa a produção no tempo em um nível em que fratura essa própria produção. Daí a necessidade das crises como eventos de autorregulação do capitalismo. O tempo linear é também o tempo da valorização do capital. A produção mercantil é feita em um tempo que foi monetarizado e que faz parte do “valor” (em qualquer uma das versões econômicas em que se assume esse valor).

A introdução do tempo na produção e na circulação mercantil foi um dos aspectos mais desenvolvidos pelo discurso da economia, especialmente a partir da reflexão sobre as taxas de juros e o capital financeiro. Essa introdução do tempo à lógica da acumulação do capital significou sua racionalização e, conseqüentemente, a disciplinarização das sociedades em função dessa

racionalização. Os processos do taylorismo e os de produção *just in time* do toyotismo expressam exatamente a forma pela qual o tempo é racionalizado como um recurso produtivo. Também dão conta dele a disciplina social da pontualidade, das agendas e dos cronômetros. Se o tempo é um recurso com um valor determinado, então o capitalismo irá otimizá-lo dentro de uma função custo/benefício, e, nessa racionalização, os seres humanos deverão ser funcionais e disciplinados.

O *Sumak Kawsay* pretende devolver à sociedade a forma pela qual se possa construir um tempo social fora da lógica da acumulação do capital, isto é, devolver aos seres humanos seu tempo pessoal e histórico, para que possam viver suas vidas plenamente. Na lógica do capitalismo e da modernidade isso é impossível. O tempo não pertence aos seres humanos. O tempo faz parte da acumulação do capital. Os seres humanos se resignam ao tempo do capital e sacrificam suas opções pessoais e seu tempo, porque este não lhes pertence. De fato, a moderna teoria do emprego acredita que o que os seres humanos vendem no mercado de trabalho não é sua capacidade de trabalhar, mas sim o uso ótimo do seu tempo. Por isso, ele é denominado, exatamente, emprego (pelo emprego de tempo).

A partir do *Sumak Kawsay*, é possível problematizar o tempo do capitalismo e propor uma alternativa plausível e possível. Um tempo que pertença à sociedade e em que esta possa se construir sem ter que hipotecar seu futuro na lógica da acumulação capitalista.

IHU On-Line - O que a noção de Bem Viver pode oferecer frente às situações de pobreza, de desigualdade social e de insegurança em que vivemos na América Latina?

Pablo Dávalos - A pobreza é um fenômeno político que se expressa e se manifesta como um fenômeno econômico. Ela evidencia a forma pela qual a burguesia administra politicamente a escassez. É um fenômeno criado artificialmente pela ordem burguesa existente. A huma-

“O *Sumak Kawsay* é a proposta para que a sociedade possa recuperar as condições de sua própria produção e reprodução material e espiritual”

nidade dispõe atualmente de todos os instrumentos, das tecnologias e inclusive das instituições para resolver o problema da pobreza. Mas essa resolução passa pelo fato de disputar com a burguesia pelo controle da escassez e mudar os parâmetros que qualificam a pobreza.

Se considerarmos a pobreza como um fenômeno econômico, como fazem o Banco Mundial e a cooperação para o desenvolvimento, somente se perpetuarão as condições históricas que a tornam possível e se consolidará o poder da burguesia, sobretudo da burguesia financeira transnacional. Por isso, é fundamental abandonar e disputar essa noção de sentido que quer fazer da pobreza um fenômeno estritamente econômico, em especial a tabela do Banco Mundial do dólar diário.

A noção do *Sumak Kawsay* põe a pobreza em coordenadas diferentes das econômicas: situa-a em um contexto político, em que a pobreza econômica é a expressão do controle político da escassez. A partir do *Sumak Kawsay*, a pobreza é resolvida mudando as coordenadas sociais e econômicas da sociedade. Não pode ser resolvida a partir da lógica do *homo economicus*, porque, à medida que se incrementa a renda econômica, incrementa-se seu desejo de consumir sem levar em consideração a natureza, a ética e a sociedade. Não se trata, portanto, de resolver a pobreza com os mesmos instrumentos do capitalismo, mas sim com lógicas diferentes e que sejam respeitadas para com a própria sociedade e com seu entorno natural.

Descolonização e Viver Bem são intrinsecamente ligados

No momento em que o mundo ocidental vive uma crise profunda, o Bem-Viver é um novo paradigma que pode nos ajudar a sair do caos em que vivemos, afirma o pesquisador social basco Katu Arkonada

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO ANETE AMORIM PEZZINI

A busca por uma “vida em plenitude” impulsionou as populações indígenas que originariamente viviam no território latino-americano. Uma vida, segundo Katu Arkonada, pesquisador e analista do Centro de Estudos Aplicados aos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais - Ceadesc, da Bolívia, “em harmonia entre o material e o espiritual, consigo mesmo e com a Mãe Terra”.

Por isso, o *Sumak Kawsay*, ou Bem-Viver, pode ser considerado um princípio ético-moral que nos foi legado pelos índios andinos, mas que encontra expressões próprias nas demais comunidades indígenas. Hoje, segundo Arkonada, surgem novas construções híbridas entre conceitos milenares da cosmovisão indígena, como o Bem-Viver, e conceitos centenários, ocidentais e modernos, como a ética ou a moral.

Assim, justamente no momento em que o mundo ocidental vive uma crise profunda, “uma crise de vida e de modelo estrutural e de civilização”, defende Arkonada, na entrevista que concedeu por e-mail à *IHU On-Line*, vê-se o Bem-Viver como um novo paradigma que pode nos ajudar a sair do caos em que vivemos. Mas hoje em dia, explica, não se pode dissociar este modo de vida de conceitos como descolonização (do poder e do saber) e desmercantilização da vida.

Por outro lado, o Bem-Viver nos convida a “sair da dicotomia entre ser humano e natureza”, diz Arkonada. Ou seja: “despertar para uma consciência de que somos filhos da Mãe Terra, da Pachamama, e tomar consciência de que somos parte dela, de que dela viemos e com ela nos complementamos”. É um estilo de vida que nos ensina “não a viver melhor, mas sim a viver bem com menos”, resume.

Katu Arkonada é basco, nascido no território sob a administração/colonização espanhola, e vive hoje na Bolívia, depois de ter vivido durante meses em Belém do Pará, na Amazônia brasileira, trabalhando na coordenação do Fórum Social Mundial. É pesquisador e analista do Centro de Estudos Aplicados aos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais - Ceadesc, em Cochabamba, na Bolívia. Colaborou com a Coordenadoria Andina de Organizações Indígenas - Caoi na construção da Cúpula Continental dos Povos e Nacionalidades Indígenas, realizada em Puno, Lago Titicaca, no Peru. Atualmente colabora com o Vice-Ministério de Planejamento Estratégico do Estado da Bolívia na construção de indicadores de Bem Viver para os projetos de desenvolvimento. Confira a entrevista.

IHU On-Line - *Sumak Kawsay* (quéchua equatoriano) ou *Suma qamaña* (aimará boliviano) expressam a ideia de uma vida melhor, ou Bem-Viver. Quais são os aspectos centrais desse conceito indígena?

Katu Arkonada - Em primeiro lugar, não se trata de viver melhor. Ao menos não dentro dos padrões ocidentais, em que o viver melhor equipara-se a ter mais. Em todo caso, é necessário abordar a cosmovisão aimará ou quéchua para compreender ou, pelo menos, aproximar-se da compreensão do significado profundo dos termos.

Em aimará, *Suma* é traduzido como algo muito bom, excelente, plenitude. E *Qamaña* como conviver, viver em definitivo, de modo que o termo *Suma Qamaña* poderia ser traduzido mais aproximadamente como “vida em plenitude”, e uma tradução similar pode ser feita do termo quéchua *Sumak Kawsay*.

Quando se fala de vida em plenitude, está se fazendo uma referência a viver em harmonia entre o material e o espiritual, consigo mesmo e com a Mãe Terra. Em última instância, saber conviver com tudo o que nos rodeia, com a comunidade.

IHU On-Line - A Bolívia e o Equador incorporaram em suas Constituições o princípio do Bem-Viver. O que significa o resgate dessa ideia no atual momento político e histórico da América Latina?

Katu Arkonada - É muito interessante que as Constituições do Equador e da Bolívia, derivadas das assembleias constituintes e aprovadas no final de 2008 e início de 2009, respectivamente, introduzam os princípios do Bem-Viver e do Viver Bem em seus textos.

No caso do Estado Plurinacional da Bolívia, a nova Constituição Política do Estado já o introduz tanto no seu preâmbulo, quanto no segundo capítulo, em que fala sobre os princípios, valores e objetivos do Estado, assumindo-o como um princípio ético-moral. Também é muito interessante a construção de formas híbridas entre conceitos milenares da cosmovisão indígena, como o *Suma Qamaña*, e conceitos centenarios, ocidentais e modernos como a ética ou a moral. Da mesma forma, fala-se também de Viver Bem

“Quando se fala de vida em plenitude, está se fazendo uma referência a viver em harmonia entre o material e o espiritual, consigo mesmo e com a Mãe Terra”

nos artigos referentes à educação ou quando se determina a estrutura e a organização econômica do Estado.

O resgate da ideia também deve ser entendido em seu contexto. Na realidade, as formas de vida baseadas no Viver Bem têm uma tradição milenar. Na verdade, agora, alguns ocidentais, humildemente e depois de ter convivido e de ter se aproximado dessa forma de pensar e de viver, começaram a se atrever a recolher, sistematizar, traduzir e plasmar no papel uma tradição de pensamento que, até poucos anos atrás, havia sido fundamentalmente de transmissão oral, para que, a partir do pensamento ocidental, possa-se entender uma lógica oriental e milenar.

Em todo caso, no momento em que o mundo ocidental vive uma crise profunda - na realidade, produto de múltiplas e profundas crises, crise financeira, social, política, climática, alimentícia... e, no fundo, uma crise de vida, e de modelo estrutural e de civilização -, é nesse momento em que se vê o Viver Bem como um novo paradigma que pode nos ajudar a sair do caos em que vivemos.

E, precisamente neste momento, no bicentenário em que a maioria dos países latino-americanos estão celebrando ou vão celebrar a independência das colônias, a aproximação a esse conceito ganha mais importância. Porque, mesmo que, há 200 anos, tenha havido uma independência e foram formados os novos Estados-nação latino-americanos, na realidade, persistiram até hoje as formas coloniais de estruturação do Estado e de domina-

ção de uma minoria, no caso da Bolívia mestiça e crioula, sobre uma maioria indígena.

Por isso, hoje em dia, não se pode dissociar o Viver Bem, como conceito, de outros, como o da descolonização.

IHU On-Line - Você diz que “não é possível entender um verdadeiro processo descolonizador sem o Viver Bem”. Sobre que fundamentos e como se desenvolveria essa descolonização?

Katu Arkonada - Acho que, hoje em dia, pelo menos na Bolívia, descolonização e Viver Bem são conceitos que estão intrinsecamente ligados. Na Bolívia e na América Latina em geral, é onde está se dando a luta contra as novas formas de colonialismo, o capitalismo colonial/moderno, como define Aníbal Quijano¹, além de persistirem as velhas estruturas do Estado colonial e racista.

E, se falamos dessa luta - que na Bolívia passou da resistência à tomada do poder -, temos que falar do movimento indígena. Hoje em dia, é um ator que não só resiste e luta para que se deem verdadeiros processos de descolonização, quando defende seu direito de existir na terra que lhe viu nascer; quando defende a Mãe Terra contra a exploração dos recursos naturais; ou quando luta contra a sociedade racista; mas que, além disso, passa a propor formas alternativas de vida, por uma verdadeira descolonização do poder e do saber, e por uma desmercantilização da vida.

E é aí em que o Viver Bem ganha uma transcendência histórica. Mas devemos estar alerta, porque precisamente há um grande risco - depois de institucionalizar o termo Viver Bem na Constituição - de esvaziá-lo de conteúdo, de que acabe sendo algo sobre o qual os intelectuais escrevem e ao qual, como conceito de moda, as ONGs dedicam fóruns. E, como diz Boaventura de Sousa Santos², um dia nos

1 Anibal Quijano: sociólogo, doutor pela Universidade Nacional Maior de San Marcos, Lima, Peru, e doutor honoris causa da Universidade Central da Venezuela, Caracas. É também professor do Departamento de Sociologia da Binghamton University, Nova Iorque. (Nota da IHU On-Line)

2 Boaventura de Sousa Santos: professor catedrático da Faculdade de Economia da Uni-

daremos conta de que o Banco Mundial dedicou-lhe um relatório e, a partir daí, teremos perdido todo o potencial que tem como novo paradigma para o qual caminhamos.

A Bolívia, nesse contexto histórico, tem um grande protagonismo. Depois da Revolução Cubana³ de 1959 e do processo bolivariano iniciado na Venezuela, as lutas iniciadas na Bolívia pelos movimentos sociais, com referentes como a Guerra da Água⁴ no ano 2000, a do gás⁵ em 2003 ou a recente Cúpula de Tiquipaya⁶ para enfrentar a crise climática, além de iniciativas governamentais, como a recente criação do Vice-Ministério de Planejamen-

versidade de Coimbra e Distinguished Legal Scholar da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison e Global Legal Scholar da Universidade de Warwick. É igualmente diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, diretor do Centro de Documentação 25 de Abril da mesma universidade e coordenador científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa. Entre sua vasta produção bibliográfica, citamos *Epistemologias do sul* (Coimbra: Edições Almedina, 2009); *A universidade no século XXI. Para uma universidade nova* (Coimbra: Edições Almedina, 2008); *A gramática do tempo: para uma nova cultura política* (Porto: Afrontamento, 2007); e *Para uma revolução democrática da justiça* (São Paulo: Cortez Editora, 2007). Leia no sítio do IHU uma entrevista exclusiva com Boaventura de Sousa Santos concedida à IHU On-Line e publicada em 30-01-2010, disponível em <http://migre.me/16MQZ> (Nota da IHU On-Line)

3 **Revolução cubana:** movimento popular que constituiu na derrubada do governo de Fulgencio Batista pelo movimento de 26 de Julho e o estabelecimento de um novo governo liderado por Fidel Castro, no início de 1959, durante o período da Guerra Fria. (Nota da IHU On-Line)

4 A guerra da Água de Cochabamba caracterizou-se por uma série de protestos que ocorreram em Cochabamba, a terceira maior cidade da Bolívia, entre janeiro e abril de 2000. Seu detonante foi a privatização do abastecimento da água municipal. Tratou-se de uma massiva mobilização popular que expulsou a transnacional que geria o sistema de água potável e esgotou de Cochabamba. (Nota da IHU On-Line)

5 A Guerra do Gás consistiu na disputa social centrada na exploração das reservas de gás natural situadas no departamento de Tarija, na Bolívia, as segundas maiores da América do Sul, descobertas em meados dos anos 1990. (Nota da IHU On-Line)

6 O entrevistado se refere à Conferência Mundial dos Povos sobre a Mudança Climática, realizada na cidade de Tiquipaya, Bolívia, no último mês de abril. O resultado do encontro foi uma advertência à ONU, críticas aos Estados Unidos e a exigência aos países industrializados de que reduzam para a metade suas emissões de gases do efeito estufa até o ano de 2020. O término da cúpula. (Nota da IHU On-Line)

“Viver Bem é despertar para uma consciência de que somos filhos da Mãe Terra, da Pachamama, de que somos parte dela, dela viemos e com ela nos complementamos”

to Estratégico do Estado, que tem a missão de criar indicadores de Viver Bem que possam ser aplicados nos grandes projetos de desenvolvimento, indicam-nos o caminho. A Bolívia e o movimento indígena originário em geral têm muito a contribuir e a complementar o projeto de socialismo do século XXI para o qual Cuba, Venezuela e Equador caminham. E aí novamente torna-se imprescindível buscar formas híbridas, que resgatem o melhor de cada projeto de vida, para construir esse novo e desejado paradigma de civilização.

IHU On-Line - Falando sobre a nova Constituição, que direitos e deveres o Estado assume frente à natureza?

Katu Arkonada - Nesse sentido, a Constituição do Equador é mais avançada em termos políticos, na medida em que consagra os Direitos da Natureza, embora os recentes protestos do movimento indígena e dos povos originários contra a Lei da Água⁷ nos fazem temer que isso virou apenas um conceito discursivo.

Na Bolívia, a nova Constituição Política do Estado fala várias vezes de harmonia com a Natureza quando se fala das Relações Internacionais, da extração de recursos naturais ou do direito à terra no território indígenas originários campesinos. No entanto, as contradições continuam acontecendo - o que torna muito difícil encontrar

um equilíbrio entre desenvolvimento e industrialização de um país em que 500 anos de colonialismo e de saque, com o leilão das políticas econômicas impostas pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional nos anos 1980 - deixaram uma situação muito precária e, ao mesmo tempo, a busca de uma alternativa, de um desenvolvimento harmônico que saia do esquema tradicional, ocidental e moderno de exploração dos recursos naturais.

IHU On-Line - A partir do conceito de Pachamama, como o Bem-Viver entende a relação entre o ser humano e a natureza?

Katu Arkonada - Viver Bem é sair da dicotomia entre ser humano e natureza. É despertar para uma consciência de que somos filhos da Mãe Terra, da Pachamama, de Ama Lurra como dizemos em euskera, meu idioma, e tomar consciência de que somos parte dela, de que dela viemos e com ela nos complementamos.

Nesse sentido, é interessante a ideia do nosso presidente, Evo Morales⁸, de criar uma lei dos Direitos da Mãe Terra, da Pachamama. E, mais uma vez, voltamos a ver uma forma híbrida entre um conceito ocidental e moderno, como é o caso dos direitos, e um oriental e milenar. Direitos da Pachamama é uma metáfora do que a Bolívia é hoje, um laboratório de conceitos, uma aprendizagem contínua e uma confrontação entre diferentes formas de pensar, na busca de um novo paradigma, de uma nova forma de vida.

IHU On-Line - Que desafios o paradigma do Bem-Viver apresenta à atual cultura capitalista, ocidental e moderna de desenvolvimento e progresso?

Katu Arkonada - O que é desenvolvimento? O que é progresso? Aqui na

8 Evo Morales (1959): atual presidente da Bolívia e líder do movimento de esquerda boliviano cocalero, uma federação de agricultores que tem por tradição o cultivo de coca para atender um costume milenar da nação que é mascar folhas de coca. Evo Morales notabilizou-se ao resistir os esforços desenvolvidos pelo governo dos Estados Unidos da América na substituição do cultivo de coca na província de Chapare por bananas. (Nota da IHU On-Line)

7 A Lei da Água e a Lei da Titularidade dos Recursos Hídricos foram aprovadas em setembro de 2005. A Lei da Água assegura a transposição da Diretiva-Quadro da Água n.º 2000/60/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 23 de Outubro de 2000, e estabelece novas bases e um novo quadro institucional para a gestão sustentável das águas. (Nota da IHU On-Line)

Bolívia, as ONGs têm nos ensinado que o desenvolvimento é medido com uma série de indicadores, que o motor do desenvolvimento é o avanço tecnológico, colocando as pessoas em posição de supremacia frente à natureza e em um vale-tudo para alcançar a sociedade do bem-estar, esse modelo exportado da Europa e que também se refere aos grandes interesses econômicos, que nos impuseram o capitalismo predatório como modelo sócio-econômico. Progresso são os índices do PIB e da renda per capita mais elevados, mesmo que seja às custas da uma deterioração social e ambiental, como a que nos levou a essa crise de civilização que sofremos.

Nessa conjuntura, o paradigma do Viver Bem ensina-nos não a viver melhor, mas sim a viver bem com menos. Ele precisa ser um marco na educação. Precisamos criar uma ética de Viver Bem e reconstruir um pensamento e uma forma de vida mais comunitária, com outras formas de repensar as relações interpessoais e a economia, um equilíbrio entre a cultura e a Mãe Terra, em que a complementaridade ou a reciprocidade sejam as duas faces de uma mesma moeda.

IHU On-Line - Em termos econômicos, como o Bem-Viver nos ajuda a repensar a produção e a produtividade?

Katu Arkonada - Aqui temos de ver como passar da teoria à prática: repensar e caminhar em direção a novos paradigmas e, no plano econômico, desenvolver a economia comunitária.

Novamente, temos que aprender muito com o mundo indígena, com o funcionamento do *Ayllu*, o sistema de organização tradicional, a comunidade, mas não entendida como um conjunto de indivíduos, mas sim como um todo complementar entre as pessoas, os animais, o ar ou a Mãe Terra. Assim,

“Há um grande risco: institucionalizar o termo Viver Bem e esvaziá-lo de conteúdo, tornando-se algo sobre o qual os intelectuais escrevem e ao qual as ONGs dedicam fóruns”

ao sairmos da concepção humanista e individualista, não é possível conceber o termo “recurso”, e, portanto, tudo é complementar, todo o *ayllu* contribui e recebe, de forma comunitária.

E se isso pode ser aplicado à micro-economia, mediante o *ayni* - que nada mais é do que essa reciprocidade, em que se dá sem esperar nada em troca, e também se recebe -, temos que ver como repensamos o Viver Bem em nível macroeconômico, onde o Estado tem que se converter em um ente redistribuidor da terra e da riqueza, e preservador dos recursos naturais. E o mesmo vale para as relações internacionais, em que temos intenção de levar isso a cabo, a complementaridade e a reciprocidade, na ALBA⁹.

IHU On-Line - Você diz que “nos educaram e nos ensinaram a viver me-

lhor, mas não a Bem-Viver”. Nesse sentido, Bem-Viver é o caminho para a *Yvy marã ei* (terra sem males), sonhada pelos Guarani?

Katu Arkonada - Para aqueles que cresceram e foram educados na Europa do capital, na modernidade ocidental, Viver Bem significa viver melhor, ter mais. No entanto, em toda sua polissemia, seja a concepção aimará, quéchua ou guarani de *ivi maraei*¹⁰, que a nova Constituição Política do Estado boliviano também inclui, o Viver Bem se converte em uma esperança para a crise de vida que sofremos, em um novo paradigma para o qual é preciso caminhar.

Parece-me muito interessante que haja diversas aproximações ao termo e que continuemos tentando aterrissá-lo nas questões práticas, além dos discursos mais retóricos. Nesse sentido, se a partir da teoria, do confronto de ideias e de termos - inclusive, às vezes, gerando contradições - conseguimos avançar e nos aproximar um pouquinho mais desse novo paradigma, creio que debates como este ganham sentido.

Precisamos ouvir aqueles que estão caminhando há milhares de anos, aqueles que não veem o tempo como algo linear, mas como algo circular, em que o presente é contínuo, e o passado e o futuro são um só. Só assim, saindo da lógica ocidental, eurocêntrica, cristã e moderna, repensando a nós mesmos e aquilo que nos rodeia, poderemos começar uma verdadeira descolonização e uma aproximação ao Viver Bem.

⁹ **ALBA:** Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América. Trata-se de um espaço de encontro dos povos e governos que entendem a América Latina Caribenha como uma grande nação. A proposta da ALBA foi formulada pela primeira vez pelo presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Rafael Chávez Frías, em dezembro de 2001. Até o momento, 9 países firmaram sua adesão à ALBA: Venezuela, Cuba, Bolívia, Nicarágua, República Dominicana, Honduras, Equador, San Vicente e as Granadinas e Antígua e Barbuda. Mais informações podem ser obtidas no site www.alianzabolivariana.org (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Sobre o tema, leia a entrevista com Bartolomeu Meliá, intitulada *A história de um guarani é a história de suas palavras*, publicada na revista IHU On-Line número 331, de 31-05-2010, disponível em <http://migre.me/16NrZ> (Nota da IHU On-Line)

Acesse www.ihu.unisinos.br

A relação entre o Reino pregado por Jesus e o conceito de Vida Boa dos povos indígenas

Para Quinto Regazzoni, teólogo italiano residente no Paraguai, a ética do Bem Viver pressupõe uma base teológica, já que toda essa concepção de vida está impregnada com o transcendente e com a presença do Pai-Mãe supremo: uma *teko-logia*

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

Os povos originários da América Latina falavam em viver bem. Jesus falava em viver em plenitude. Os índios buscavam a terra sem males. Jesus anunciava a vinda do Reino. É possível estabelecer algum tipo de aproximação entre essas duas perspectivas teológicas?

Para Quinto Regazzoni, teólogo italiano e padre dehoniano, que trabalhou muitos anos no Uruguai e hoje reside no Paraguai, isso é possível, desde que se traduza em “uma atitude fundamental para o diálogo: a escuta atenta e a humilde e constante capacidade de aprender com os demais”.

Os povos indígenas do continente, defende, propuseram uma filosofia ancestral de vida, o *Sumak-Kawsay*, isto é, a Vida Boa: “um dom compartilhado que gera bem-estar para todos, e não apenas para alguns”, explica. E isso traz novas perspectivas para as dimensões social, econômica cultural e religioso-transcendental das nossas sociedades contemporâneas.

O Bem Viver também está em direta relação com a busca da *Ivy marãne’y*, a terra sem males sonhada pelos guarani. “A busca de uma terra sem males não é um sonho distante, inalcançável, mas sim uma tarefa cotidiana que encarna o projeto de Vida Boa nessa sociedade da reciprocidade”, afirma Regazzoni, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line. “A itinerância física desses povos seminômades indica uma itinerância espiritual, uma busca perene, uma constante transitoriedade”, diz.

O conceito do Bem Viver, segundo o teólogo, também propõe outra relação do ser humano com a natureza. O cosmos dos guarani está ordenado com base em um contexto festivo que celebra a gratuidade e a reciprocidade.

Tudo isso manifesta uma concepção de vida que está impregnada com o transcendente e com a presença do Pai-Mãe supremo: nas palavras de Bartomeu Meliá, uma *teko-logia*, que, segundo Regazzoni, “tem muito a ver com toda a teologia que fala de um Deus da Vida e, especialmente, a teologia de Jesus de Nazaré”.

Jesus, por exemplo, é visto por seus contemporâneos como um profeta apaixonado por uma vida mais digna (*teko marangatu*, em guarani) para todos, uma vida boa (*teko porã*). “Ele proclama o Reinado de justiça e misericórdia de Deus, isto é, sua maneira de ser, cheia de bondade, que instaura a ansiada ‘Shalom’, que pode ser traduzida como bem-estar, uma vida plena, cheia de prosperidade”, afirma.

Quinto Regazzoni, teólogo e sacerdote dehoniano, nasceu em Bérgamo (Itália). É licenciado em Disciplina das Artes pela Università di Bologna e tem pós-graduação em Comunicação pela Universidad Católica del Uruguai. Foi fundador e diretor da revista *Umbrales*, de Montevideu. Morou por muitos anos no Uruguai e, neste ano, mudou-se para Assunção, no Paraguai. Confira a entrevista.

IHU On-Line - *Sumak Kawsay* (quíchua equatoriano) ou *Suma qamaña* (aimará boliviano) expressam a ideia de Bem Viver. Quais são os aspectos centrais desse conceito indígena?

Quinto Regazzoni - O conceito de crescimento econômico como base do desenvolvimento social é um con-

ceito feito à medida das ilusões e das utopias do neoliberalismo e do capitalismo tardio. É como um dogma religioso, em que o economista coloca toda a sua confiança, proclamando soluções “científicas” que supostamente tirariam a humanidade da barbárie do subdesenvolvimento.

Essa noção de crescimento econô-

mico nasce do conceito iluminista de progresso e das promessas emancipatórias da modernidade. Essa política do progresso ilimitado e do crescimento global deu, nos últimos anos, trágicas provas de produzir mais pobreza e mais desigualdade. Frente a isso, os povos indígenas do continente conseguiram fazer ouvir sua voz e propuse-

ram a sua ancestral filosofia de vida, o *Sumak-Kawsay*, isto é, o Bem-Viver, ou, melhor traduzido, a Vida Boa.

Os aspectos centrais dessa concepção ancestral são:

1 - Uma dimensão social - Propõem-se medidas de equilíbrio e de reciprocidade entre os seres humanos, abrindo caminhos de solidariedade. O exercício dos direitos das pessoas, das comunidades e dos povos se dá em um equilíbrio entre sociedade e natureza, e entre os seres humanos. Para isso, cada um está disposto a receber e a dar em reciprocidade, em uma sociedade em que se prima pela solidariedade. A Vida Boa é, então, um dom compartilhado que gera bem-estar para todos, e não apenas para alguns. Nesse sentido, essa meta não é alcançável em termos individuais. Trata-se de uma meta que abrange a todos, respeitando a diversidade que se apresenta em cada sociedade.

2 - Uma dimensão econômica - A sociedade deve medir seu bem-estar não tanto pelas cifras macroeconômicas, mas sim pela qualidade de vida de todos os seus integrantes. A Vida Boa também considera a questão dos recursos naturais não com fins de exploração, mas sim em um contexto de conservação e de convivência mútua entre natureza e o ser humano.

3 - Uma dimensão cultural - O conceito indígena de Vida Boa propõe que se considere cada país ou nação como uma cultura e sociedade plurais, atentas ao particular e reconhecendo a contribuição de todas as minorias. O conceito de *Sumak Kawsay* se apresenta então como uma proposta alternativa ao estilo de vida materialista, centrado em um progresso econômico social que privilegia uma produção orientada ao consumo, à acumulação de capitais, em detrimento, muitas vezes, dos bens culturais.

4. Uma dimensão religioso-transcendental - O bem produzido pela sociedade, além de visar aumentar o nível de vida, com critérios ecológicos e de justiça social, também propõe e inclui um critério de transcendência e de bem-estar espiritual (cf. Umbrales, nº. 198, p. 3).

Essas quatro dimensões fundem-se e interagem em um único sistema har-

monioso de convivência e de reciprocidade.

IHU On-Line - O *Sumak Kawsay* é também o caminho para a *Ivy marãne'y* (terra sem males), sonhada pelos guarani? Nesse sentido, como entender o progresso e o desenvolvimento?

Quinto Regazzoni - Agora que estou vivendo no Paraguai, um pouco mais perto do mundo e da cultura guarani, fico ainda mais fascinado pelo seu *teko* (= modo de ser)¹. Os significados de *reko* são múltiplos, como já assinalava em 1639 o grande estudioso da língua guarani, o jesuíta Antonio Ruiz Montoya². Ela significa: maneira de ser, de pensar e de agir, hábito e costumes, norma e comportamento, sistema de vida e cultura. É mais do que evidente que os guarani estavam satisfeitos com esse modo de viver que definiam como *ñande reko katu* (nosso modo de ser autêntico e bom) ou *ñande reko marangatu* (nosso modo de ser santo, virtuoso e digno). Já nisso temos uma similitude surpreendente com o *Sumak Kawsay* dos povos andinos. No entanto, há algo mais específico: os povos guarani têm claro seu horizonte, sua vocação e missão, quando falam da *Ivy marãne'y* (a terra sem males).

Embora seja muito conhecida a expressão “terra sem males”, que os guarani puseram como fundamento de sua constante busca por um mundo melhor, convém aprofundar o sentido desse horizonte utópico que marcou a vida daqueles que povoaram o Cone Sul do continente.

A busca de uma terra sem males não é um sonho distante, inalcançável, mas uma tarefa cotidiana que encarna o projeto de Vida Boa nessa sociedade da reciprocidade. O estudioso

¹ Em guarani, as palavras não têm til e têm seu acento tônico na última vogal. A letra -j- é pronunciada como em português, e o -h-, como em inglês. A sexta vogal -y-, tem um som gutural próprio. As letras e as palavras com -ñ- são nasais. (Nota do entrevistado)

² Antonio Ruiz de Montoya: padre jesuíta encarregado de se queixar ao rei de Portugal dos bandeirantes paulistas. O famoso autor de Tesouro da Língua Guarani vivia no Paraguai, onde os jesuítas haviam construído quase uma república teocrática e mantinham incontestemente a jurisdição sobre os indígenas, no Vice-Reinado do Peru. Desde 1537 os jesuítas haviam obtido do papa Paulo III uma bula em que solenemente proclamava a liberdade dos índios nas possessões espanholas. (Nota da IHU On-Line)

da cultura guarani Bartomeu Meliá³ afirma que “o Guarani é um povo em Êxodo”⁴. A itinerância física desses povos seminômades indica uma itinerância espiritual, uma busca perene, uma constante transitoriedade. Entretanto, há também um espaço de estabilidade que fixa e sacramentaliza essa busca: é a festa (*arete*), considerada como o tempo (*ara*), verdadeiro (*ete*). É o tempo autêntico, o tempo da Vida Boa, que é um sacramento da terra sem males e da felicidade plena.

“Na dança, revela-se o xamã, que é ‘Nosso Pai’, o caminho. Esse caminho conduz à casa de Nossa Mãe, onde não faltam frutas, nem chicha⁵ para beber.

³ Bartomeu Meliá: jesuíta espanhol, pesquisador do Centro de Estudos Paraguios Antonio Guasch e do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos. Sempre se dedicou ao estudo da língua guarani e à cultura paraguaia. Doutor em ciências religiosas pela Universidade de Estrasburgo, acompanhou e conviveu com os indígenas Guarani, Kaigangue e Enawené-nawé, no Paraguai e no Brasil. É membro da Comissão Nacional de Bilinguismo, da Academia Paraguaia da Língua Espanhola e da Academia Paraguaia de História. Entre suas publicações, citamos *El don, la venganza y otras formas de economía* (Assunção: Cepag, 2004). Confirma a entrevista *As missões jesuíticas nos sete povos das missões*, concedida por Meliá à edição 196 da IHU On-Line, de 18-09-2006, disponível em <http://migre.me/vMqU> Na noite de 26-10-2010 Meliá profere a conferência *A cosmologia indígena e a religião cristã: encontros e desencontros de universos simbólicos*, dentro da programação do XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade. Confira a programação completa do evento em <http://migre.me/vMs5> Confirma, na edição 331 uma entrevista com Meliá, intitulada *A história de um guarani é a história de suas palavras*, disponível em <http://migre.me/MqPH> (Nota da IHU On-Line)

⁴ MELIÁ, Bartomeu. *El Guarani: experiencia religiosa*. Assunção: Ceaduc, 1991, p.14. O padre jesuíta B. Meliá é o mais conhecido autor paraguaio de estudos etno-históricos, com seus livros *El guaraní conquistado y reducido* (Ceaduc, 1986); *La tierra sin mal de los guaraní. Economía y profecía* (Ateneo Paraguayo, 1987) e *Pueblos indígenas del Paraguay* (Dgeec, 1997). É um destacado defensor da causa dos povos originários. Não admira que, durante os 35 anos da ditadura de Stroessner, ele foi enviado ao exílio durante 15 anos, os quais ele aproveitou para viver entre os povos originários limítrofes. (Nota do entrevistado)

⁵ Chicha: bebida fermentada produzida pelos povos indígenas andinos, datando do Império inca. Mas também era usada pelos maias para a alimentação sendo a mais popular entre todas as bebidas. O seu preparo consiste em que garotas masquem milho e o cuscam em um caldeirão de água fervida. Depois de fermentada, a mistura se transforma em chicha e pode ser servida. Embora o milho seja o ingrediente mais comum, também podem ser usados man-

É a festa” (MELIÁ, 1991, p.52).

Os bailes, os cantos, a chicha tomada até a embriaguez, o fumo ritual do tabaco que envolve todos os presentes não são só parte de um cerimonial, mas sim a expressão dessa terra sem males que estava na origem e estará no fim.

Deve-se destacar que a *arete* dos guarani era um tempo autêntico porque recolhia e repartia os frutos do seu tempo cotidiano. Na festa, os frutos da terra e do trabalho são oferecidos como dom e graça (*aguyje*). Por meio dessa graça, a pessoa alcança o desejado bem-estar e tem a virtude do bem-viver, que tem muitas manifestações: *teko porã* (ser bom), *teko joja* (ser igual, ser justo); *teko ñembo’o’y* (ser sereno), *teko marangatu* (ser santo, bom)...

Esse bem-viver não era algo teórico. Traduzia-se em bondade e sabedoria prática. Vemos isso por exemplo na sua arte de cultivar a terra, conhecendo e classificando perfeitamente todas as espécies vegetais e animais, as características ecológicas dos diversos lugares. O grande botânico suíço-paraguaio Moisés S. Bertoni dá testemunho disso em sua obra de classificação das plantas (depois do grego, o guarani é o idioma que mais contribuiu com terminologia para a nomenclatura botânica).

Os bons conhecimentos práticos dos guarani tornavam-nos hábeis “agrônomos”. E, em vez de explorar a natureza, preferiam emigrar: nunca deixaram desertos atrás de si. O colono europeu acabou pedindo emprestado esses conhecimentos aos guarani (MELIÁ, 2004, p.20).

IHU On-Line - Que tipo de relação entre o ser humano e a natureza nos é proposta pelo Bem-Viver? A partir disso, como podemos compreender a ordem dada por Deus de “dominar” ou “submeter” a terra, segundo o livro do Gênesis (1,28)?

Quinto Regazzoni - Hoje todos somos conscientes de que a salvaguarda da criação é um imperativo urgente. Fenômenos como o aquecimento global ou a extinção dos recursos e das espécies são uma ameaça real e iminente. A

“A busca de uma terra sem males não é um sonho distante, inalcançável, mas sim uma tarefa cotidiana que encarna o projeto de Vida Boa em uma sociedade da reciprocidade”

sociedade moderna com o seu discurso de desenvolvimento ilimitado, ao instrumentalizar a natureza, rompeu a unidade do homem com seu entorno e provocou uma das crises mais graves e profundas, que põe em perigo toda a existência humana sobre a Terra.

O conceito de bem-viver propõe outra relação do ser humano com a natureza. Entre os povos guarani, por exemplo, a boa terra recebe a sua formosura e plenitude de uma relação festiva com seu fundamento original, Nosso Primeiro Pai. O cosmos (ordem) dos guarani não é ordenado com base em um interesse de utilidade ou, pior, de exploração, mas sim em um contexto festivo que celebra a gratuidade e a reciprocidade. Instauram-se assim uma relação íntima com o princípio transcendente e, ao mesmo tempo, uma relação solidária com o próximo.

Um belo texto mítico dos mbya-guarani do Guairá diz:

“Tendo conseguido a plenitude dos frutos, deles darás de comer a todos teus próximos, sem exceção. Os frutos perfeitos são produzidos para que deles comam todos, e não para que sejam objeto de avareza. Dando de comer a todos, só assim, só vendo nosso amor a todos, Nosso Pai Primeiro prolongará nossos dias para que possamos semear repetidas vezes” (MELIÁ, 1991, p. 68).

Nessa festa da reciprocidade, o guarani se faz “senhor” da terra não para explorá-la, mas sim para transformá-la em um fruto de amor e unidade. Com o trabalho de muitos, unidos

em mutirão (*potirõ*), obtiveram-se os frutos; com uma festa (*arete*) de muitos faz-se a redistribuição. Ali, na festa guarani, se obtém a centralização do cosmos, ali está o centro da terra, essa terra sem males à qual se aspira.

Temos aqui um paralelo significativo com o relato bíblico da criação, em que o ser humano é posto no centro do jardim da criação. A ele corresponde dar o nome (dar identidade e plenitude) às criaturas; não para explorá-las, mas sim para relacioná-las ao seu centro.

Quando Deus lhe faz guardião e continuador seu no desenvolvimento e cuidado da criação, aparecem as discutidas palavras “Submetam a terra e dominem...” (Gen 1, 28). No entanto, esse senhorio delegado por Deus deve ser entendido em sua própria perspectiva criadora, de serviço e cuidado amoroso, como muito bem especifica o segundo relato da criação (Gen 2, 15): “Javé pôs o ser humano no jardim do Éden para que o cultivasse e o cuidasse” (o verbo original é servir).

Nada mais e nada menos do que o trabalho, por humilde e simples que seja, é parte desse “senhorio-serviço” que Deus nos encomendou. Continuar o desenvolvimento, vencer os mistérios da natureza, tornar possível a vida, buscar e produzir o alimento, criar beleza, pôr ordem e beleza no mundo. Tudo deve ser, para o crente em Deus, uma tarefa divina, uma tarefa entendida como um dom, encomendada pelo próprio Deus. Até o trabalho se transforma em graça, em gratuidade recebida e dada; em uma vida gastada, mas ao mesmo tempo fecunda. Novamente, os povos guarani nos ajudam a compreender essa verdade com a sua filosofia de vida, seu *teko marangatu*, *teko porã*.

IHU On-Line - Como se entende a noção de alteridade (o próximo, o Outro) e de comunidade a partir do Bem-Viver?

Quinto Regazzoni - O que o Bem-Viver (*sumak kawai* ou *teko porã*) sublinha é, acima de tudo, a dimensão solidária da comunidade humana. Nem o desenvolvimento, nem o crescimento econômico são solidários e não o podem sê-lo, porque entrariam em contradição com suas lógicas egoístas de

dioca ou frutas. Nos países andinos, o termo pode referir-se a qualquer bebida fermentada caseira. (Nota da IHU On-Line)

acumulação.

No entanto, quando falamos da solidariedade do Bem-Viver, não significa achatamento ou uniformidade. Para esse assunto, quero citar outro grande pensador jesuíta de outras latitudes (que amou a América Latina): Michel de Certeau⁶ (*Mai senza l'altro*, 1993, p. 18), que fala de um dinamismo constantemente assegurado pela chegada do estranho, do outro, isto é, “uma solidariedade sempre edificada sobre o respeito pela diferença”.

Para que a nossa busca de uma Vida Boa seja torne crível, deve radicar-se no encontro com o outro. Esse voltar-se ao outro, no entanto, abre-nos caminho para o nosso próprio espaço. Por isso, Certeau (*La debilidad del creer*, 2006, p. 28), diante do outro, proclama: “Sem ti, já não posso viver”. O Outro é algo diferente de mim, mas é também alguém de quem preciso, “posto que o que eu sou de mais verdadeiro está entre nós”. Escolher essa experiência do Outro significa, ao mesmo tempo, escolher um caminho e um lugar (estável e firme). De um lado, o caminho é um partir que nunca termina. De outro, o lugar estável é uma prática comunitária, um fazer juntos, uma *minga* (mutirão). O caminho para a terra sem males só se faz realidade no intercâmbio com os outros, com a comunidade.

E no nomadismo guarani, em busca da terra sem males, o Outro emerge

⁶ Michel de Certeau (1925-1986): intelectual jesuíta francês. Foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954 tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mystique: XVIème et XVIIème siècle* (Paris: Gallimard, 1982); *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* (Paris: Gallimard, 1987); *La prise de parole. Et autres écrits politiques* (Paris: Seuil, 1994). Em português, citamos *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982) e *A invenção do cotidiano* (3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998). Sobre Certeau, confira as entrevistas *Michel de Certeau ou a erotização da história*, concedida por Elisabeth Roudinesco, e *As heterologias de Michel de Certeau*, concedida por Dain Borges, ambas à edição 186 da IHU On-Line, de 26-06-2006, disponíveis para download em <http://migre.me/16Nlw>. As mesmas entrevistas podem ser conferidas na edição 14 dos Cadernos IHU em Formação, intitulado *Jesuitas. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno*, disponível para download em <http://migre.me/16NlT> (Nota da IHU On-Line)

“O Bem-Viver traduzia-se em bondade e sabedoria prática, na sua arte de cultivar a terra, conhecendo e classificando perfeitamente todas as espécies vegetais e animais, e as características ecológicas dos diversos lugares”

como uma figura poderosa. A relação de solidariedade para com o outro só raramente significava uma complementaridade de interesses (“dou-te para me dê”). A reciprocidade dos guarani se fundamenta em algo que não é nem de si mesmo, nem do outro, e que se encontra para além de ambos. É uma abertura ao que está sem determinação e sem limite, que bem podemos chamar de *infinito*.

Para os guarani, o corpo e o rosto do Outro torna presente o infinito, a meta sempre sonhada. O Outro se transforma em uma singularidade absoluta. Cada rosto, cada nome, cada pessoa, apesar de sua finitude e de seu limite, transforma-se no infinito da humanidade, e, por isso, cada pessoa merece atenção e ajuda. Entre os guarani, “o cuidado do outro leva em consideração as condições da existência da humanidade: coisas práticas, limitadas, que não requerem esforços consideráveis ou heroicos, mas que estão ao alcance de todos. Assim, a primeira manifestação concreta da reciprocidade é a hospitalidade; a segunda, a proteção; e a terceira, o dom de alimentos” (MELIÁ, 2004, p. 84).

IHU On-Line - Qual é a teologia central da cosmovisão ancestral do Sumak Kawsay ou do Teko porã? Que aspectos religiosos e sagrados mani-

festam-se nesse paradigma? Que semelhanças e diferenças há entre eles e a mensagem cristã?

Quinto Regazzoni - Acima explicamos as virtudes do *Sumak Kawsay* ou do *Teko porã*. Acho que, com o que foi dito, também se pode falar de teologia, porque toda essa concepção de vida está impregnada com o transcendente e com a presença do Pai-Mãe supremo. Para a cultura guarani, Meliá (1991, p.78) chega a falar de uma *teko-logia*, que certamente tem muito a ver com toda a teologia que fala de um Deus da Vida e, especialmente, a teologia de Jesus de Nazaré. Quando o Mestre da Galileia falava de Deus, não ensinava dogmas religiosos, mas anunciava um estilo de vida que infundia uma nova esperança. Ninguém o considerava um mestre da Lei dedicado (um profissional do aparato doutrinal, diríamos hoje). Ele é visto como um profeta apaixonado por uma vida mais digna (*teko marangatu*) para todos, uma Vida Boa (*teko porã*).

Todos os povos ao longo da história sempre buscaram essa plenitude de vida, e a Boa Nova de Jesus também pode ter muitos pontos em comum com o *teko porã*. Jesus explicou claramente o significado de sua missão: “Eu vim para que tenham vida e vida em abundância” (Jo 10, 10). Sua proposta de plenitude é para todos, mas especialmente para os protagonistas da cultura popular (e marginal) de seu tempo, ou seja, agricultores, pescadores, pastores, servos/as... publicanos e prostitutas...

São vários os pontos em comum com a proposta do *Sumak Kawsay* ou *Teko Pora*. Jesus fala de um estilo de vida que abrange toda a existência em suas múltiplas dimensões: social, econômica, cultural e religiosa; que parte do coração do ser humano e se expande em um projeto global e integrador. É uma utopia factível, que tem suas raízes no presente e sua projeção sem limites em horizontes futuros. É um projeto que se realiza em comunidade e com a contribuição pessoal de reciprocidade.

A diferença mais perceptível é que Jesus, ao falar do Reino de Deus que Ele veio trazer, dá a esse projeto uma identidade muito específica. É uma

obra do Pai Deus, que Ele, com sua encarnação, morte e ressurreição, leva à plenitude, para que todos dela possam participar. Essa identidade específica não se contrapõe nem se enfrenta com os conceitos do Bem-Viver. É como a questão da alteridade, da qual falávamos acima, que é o fundamento da comunhão.

IHU On-Line - Muitos estudiosos consideram o paradigma do Bem-Viver como uma forma de descolonização. Nesse sentido, ao reinterpretá-lo a partir do cristianismo, não se corre o risco de batizá-lo, colonizando-o novamente? Por quê?

Quinto Regazzoni - Hoje, falamos de colonização para indicar uma imposição, pela força e pela violência, de um poder sobre um território, povo ou nação. O processo de colonização pode ser de caráter econômico, político e inclusive cultural. Se não há uma violência e uma imposição, penso que todo processo de aproximação, comparação, diálogo pode ser considerado a partir da perspectiva da alteridade que constrói comunhão. Hoje, essa consciência é clara, e batiza-se só quem deseja livremente ser batizado. O verdadeiro perigo pode estar em uma surdez ou incapacidade de ver a partir da perspectiva do outro. Pode-se ser superficial, pouco crítico, não suficientemente disponível para compreender o outro.

No entanto, quando há uma disposição reta e honesta, os desacertos no diálogo também podem ser corrigidos. O mito do bom selvagem que não deve ser contaminado com uma aproximação indevida (colonizadora) também me parece prejudicial para a construção de um mundo novo. Só com boas intenções não se constrói o mundo, mas tampouco se constrói com desconfiança, medo e preconceito.

Todos temos que estar dispostos a escutar-nos e a aprender uns com os outros. Um exemplo que eu gosto de lembrar: quando os primeiros missionários dos guarani queriam traduzir o Pai Nosso para o seu idioma, descobriram que eles não tinham nem a palavra nem o conceito de Reino. Uma solução era impor a palavra em castelhano (que, aliás, não traduz

“Continuar o desenvolvimento, vencer os mistérios da natureza, tornar possível a vida, buscar e produzir o alimento, criar beleza, pôr ordem e beleza no mundo: tudo deve ser, para o crente em Deus, uma tarefa divina, uma tarefa entendida como um dom, encomendada pelo próprio Deus”

bem o que a Bíblia e Jesus desejavam dizer). Outra solução era tentar traduzir o conceito, usando outras palavras mais adequadas. Isso implicava entrar em sua cultura e aprender a mentalidade guarani, para poder dizer com seus próprios conceitos o que se queria propor-lhes. Assim, nasceu uma tradição que me parece muito mais fiel do que a tradução castelhana: *Vosso Reino foi traduzido como Nde reko marangatu* (que significa “vosso modo de ser bondoso”). Com isso, fica claro também o paralelismo entre Reino de Deus e Vida Boa que tentamos explicar mais acima.

IHU On-Line - Pode explicar melhor qual é a relação entre o Reino pregado por Jesus e o conceito de Vida Boa dos povos indígenas?

Quinto Regazzoni - A principal perspectiva da pregação de Jesus não foi a de ser um mestre de vida moral. Ele não pregou preceitos ou leis que temos que cumprir. Jesus anunciou que a chegada do Reino de Deus era iminente (Mt 24, 34), “a proximidade bondosa” de Deus Pai já estava se manifestando. Por isso, ele se solidarizou com as pessoas humildes e viveu sua proximidade

com as pessoas como um sinal da proximidade do Pai. Jesus surpreendeu a todos ao afirmar que o Reino de Deus já havia chegado. Ele queria que a proximidade se transformasse em um estilo de vida em comunidade, em que todos se sentissem protagonistas. Por isso, escolheu entre os seus discípulos 12 representantes do povo, um símbolo e o anúncio de uma nova maneira de viver como povo de irmãos.

Ele proclama o Reinado de justiça e misericórdia de Deus, isto é, sua maneira de ser, cheia de bondade, que instaura a ansiada *shalóm*, que pode ser traduzida como bem-estar, uma vida plena, cheia de prosperidade.

Esse anseio de Vida Boa já estava ao alcance de todos os que o queriam assumir. Jesus estava muito corajosamente convencido de que, apesar da dominação e da injustiça e da opressão, Deus já estava presente com seu Reinado, atuando de uma maneira nova.

Da mesma forma, a Vida Boa dos povos indígenas não é um projeto político ou social que se realizará algum dia... É, na verdade, uma realidade em ato, reafirmada e simbolizada na festa com suas danças e cantos, para atualizar a reciprocidade como sistema de vida, tanto em nível individual com o *jopói* (presente-mútuo), quanto em nível de trabalho comum com o *potirõ* (todas as mãos unidas). Esse princípio de reciprocidade, de dom, é o sustento da comunidade, e dali nasce o *teku porã* da Vida Boa dos guarani.

Com esse aspecto, que centra a fé na prática do amor recíproco, podemos estabelecer uma similitude profunda entre as duas concepções de vida. Entretanto, gostaria de sublinhar outra semelhança impressionante: no centro das duas visões de fé, está a Palavra, não como emissão de som, mas sim como fundamento de toda a criação.

Entre os guarani, a Palavra originou-se no Pai Primigênio (*Nanderuvusú*), cuja essência é o amor, pelo qual ele convida cada guarani a praticar o amor recíproco (MELIÁ, 1991, p. 9). Assim se expressava, no final dos anos 50, um líder guarani: “Nosso Pai fez com que se abrisse a palavra fundamental, e que se fizesse como Ele,

divinamente coisa do céu. Quando não existia a terra, em meio da escuridão antiga, quando não se conhecia nada, fez com que se abrisse como flor a palavra fundamental, que com ele se tornara divinamente céu. Isso fez o pai verdadeiro, o primeiro” (*idem*).

A Palavra que é consubstanciada com a alma humana. Um ser humano, ao nascer, é uma palavra que se põe de pé e se ergue até alcançar sua plenitude humana. Essa religiosidade exercia uma forte influência na organização social, já que consideravam que a terra se harmonizava mediante o amor fraterno e a solidariedade.

Ao ouvir Jesus falar no evangelho, constatamos como ele (definido como “Palavra feita carne”) levanta o ser humano em sua dignidade: livra os doentes, os pecadores e os endemoninhados de seu mal. A todos despede com uma palavra amiga: *Shalom*, “Vá em paz”, desfruta de uma Vida Boa.

A Palavra salvadora de Deus já está agindo secretamente no mundo. Deus realizará essa utopia tão velha como o coração humano, o desaparecimento do mal, da injustiça e da morte.

Poderíamos seguir buscando outras semelhanças, mas prefiro deixar a pergunta em aberto: qual relação existe entre o Reino pregado por Jesus e o conceito de Vida Boa dos povos indígenas? Essa busca se traduz em uma atitude fundamental para o diálogo: a escuta atenta e a humilde e constante capacidade de aprender com os demais.

LEIA MAIS...

Referências

- DE CERTEAU, Michel. *Mai senza l'altro*. Qiqajon: Bose, 1993.
- _____. *La debilidad de creer*. Buenos Aires: Katz, 2006.
- DURÁN, Diana. *Nuestros ancestros los guaraníes*. In: Revista Vida Nueva, maio de 2010.
- MELIÁ, Bartomeu. *El Guaraní: experiencia religiosa*. Assunção: Ceaduc, 1991.
- _____. *El don, la venganza y otras formas de economía guaraní*. Assunção: Cpag, 2004.
- REGAZZONI, Quinto. *El anuncio del Reino y la Vida-buena (Sumak kawsay)*. In: Revista Umbralles, n.º. 202, 2009.
- VERA, Saro. *El paraguay*. Assunção: El Lector, 1996.

O bem-viver como perspectiva ecobiótica e cosmogônica

Para o índio aymara qullana Simón Yampara, precisamos de complementaridade para entender o percurso da convivência das energias dos diversos mundos em harmonia integral

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

Ecobiótica, cosmogonia, cosmocimento versus monopensamento, monologia. São tantos os neologismos empregados por Simón Yampara, índio aymara qullana, que percebemos que realmente ele está falando de outra coisa, de uma nova realidade, que chega a causar surpresa para o “monopensamento ocidental”.

Nesta entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Yampara emprega analogias concretas para uma civilização que carrega a técnica como valor central: é preciso impedir que o *chip* ocidental *formate* os conhecimentos milenares. Por isso, é preciso pensar a vida com um novo “*software*, que supere uma visão e uma lógica linear da vida.”

Os conceitos do *Sumak Kawsay* e do *Suma Qamaña*, segundo ele, nos permitem olhar para a história ciclicamente, para o processo da vida em espiral. “Aqui, o passado está à frente e tem importância substancial, pois ali está a acumulação de experiências e saberes. O futuro está atrás, por vir. E o futuro deve ser projetado em função da experiência milenar”, afirma.

Por isso, segundo ele, o bem-viver é uma *apjhata* (contribuição) da civilização indígena à vida. Afirma-se que, nos Andes, “tudo tem vida”. E é o *ayni*, o sistema de trabalho e convivência dos índios andinos, que movimenta as energias material-espirituais da vida. Um *ayni*, segundo Yampara, “ecobiótico, cosmogônico, convival”.

Simón Yampara é índio aymara qullana, nascido no *Ayllu* (tribo) dentro dos limites do departamento de La Paz, na fronteira com Oruro, na Bolívia. Fez seus estudos primários em Oruro, mudando-se depois para La Paz, onde se formou em sociologia. Nos anos universitários, começou a debater assuntos como a luta de classes e o *Suma Qamaña* (Bem-viver), sentindo-se duplamente influenciado pelo *ayllu* e pela universidade. É assessor principal da Fundação Qullana Suma Qamaña, professor do programa de mestrado da Agroecología Universidad Cochabamba - Agruco, da Universidad Mayor de San Simón - UMSS, em Cochabamba, e da Universidad Andina Simón Bolívar, em Quito, no Equador. Já trabalhou no Ministério de Assuntos Agropecuários da Bolívia e atualmente trabalha na Secretaria de Turismo da Prefeitura de La Paz. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os aspectos centrais do paradigma de vida do Suma Qamaña ou Sumak Kawsay? Simón Yampara Huarachi - Na década de 1980, essa não era uma

boa palavra; o mundo acadêmico suspeitava de sua existência, e menos ainda o mundo político. Muitas pessoas, quando falavam e tentavam explicá-la, zombavam com termos

pejorativos, mas depois de 30 anos de persistência, hoje tentam entendê-la, com o perigo de tergiversar, simplificar, traduzir mal, subordinar às lógicas do pensamento ocidental e a paradigmas de vida da tendência do desenvolvimento-progresso. Mas isso tem a ver com a linearidade do monopensamento, da monologia ocidental.

Hoje, é traduzida como viver-bem, mas não sabemos de quem ou do quê. Implicitamente, está se falando do mundo das pessoas, isso que chamam de desenvolvimento humano, mas separado ou isolado da coexistência dos diversos mundos da comunidade ecobiótica natural. Aqui surge aquilo que, a partir das teorias ocidentais, vem-se afirmando: que o homem é o único ser racional e inteligente que se diferencia dos outros seres. Implicitamente, por isso, ele pode usar e abusar à vontade dos outros mundos e dos seres que habitam a casa do mundo cosmobiótico.

Aqui, já há problemas de lógica, compreensão e intenções de assimilar, resgatar, incorporar como um valor indígena os valores da matriz ocidental. Isto é, dar o *chip* ocidental a um paradigma de vida e valores do mundo andino. E mais: uma coisa é olhar para a história e ver a lógica da linearidade da vida, em que o futuro ganha importância, e o passado é algo superado e, portanto, sem importância; e, a partir do presente, deve-se olhar e adivinhar o futuro. Outra coisa é olhar para a história ciclicamente, o processo da vida em espiral. Aqui, o passado está à frente e tem importância substancial, pois ali está a acumulação de experiências e saberes. O futuro está atrás, por vir. E o futuro deve ser projetado em função da experiência milenar.

Isso corresponde a sistemas e maneiras de cultivar o conhecimento, valores, modelos de organização e paradigmas de vidas diferentes, que, por efeito da tradição colonial do monopensamento ocidental, não se quer diferenciar ou considerar. Isso tem muito a ver com a prevalência dos valores do sistema ocidental centenário nesta parte do globo terrestre.

Agora vamos explicar brevemente o que é o *Suma Qamaña*. Como dissemos, tem a ver com a interação harmonizada das dimensões de:

a. *Qulqa-yanaka* (materialidade) e *Japhalla ajayu* (espiritualidade), em que o mundo das pessoas deve ser usado e aproveitado, interagindo simultaneamente interesses *sayana* (privados) e *Saraqa* (comunitários), ou seja, quatro elementos interativos convencionais e harmonizados.

b. Por outro lado, ele harmoniza, processa forças e energias de *alx-pacha* (de cima, altura), com as de *manqhapacha* (de dentro, da profundidade), ambos com as energias do *tata-inti* (astro sol), do dia, da luz, da claridade, com as energias da *phaxsi mama* (lua), da escuridão da noite.

c. Um terceiro elemento é que ele se move em uma escala de *taypi* (centro, encontro) entre *jaka* (vida) e *jiwa* (morte). Esta é *qama* (vivência, convivência), em que, com o sufixo *ña*, teríamos a *qamaña*. Isso, por sua vez, tem a ver com a vivência com *wali aski suma qamaña* (a excelência da vida em bem-estar e harmonia) e *jan wali, kunaymanas jakjañaki* (sofrimento e mal-estar em pobreza e opressão). O *taypi* (aproximação, centro) de ambos é o *suma qamaña*.

d. Quarto elemento axiomático é a convivência dos diferentes mundos em bem-estar harmônico, em que *Uywa* (mundo animal), *Yapu* (mundo vegetal), *Japhalla* (mundo das divindades naturais), *Uraq-pacha* (mundo da terra) e *Jaqi (naka)* (mundo das pessoas) são partes integrantes da comunidade ecobiótica natural da vida cosmoconvivial.

IHU On-Line - O senhor fala de dois diferentes “softwares das matrizes civilizatório-culturais”: o andino e o ocidental. Quais são esses softwares e como eles se diferenciam?

Simón Yampara Huarachi - São as duas lógicas, duas visões históricas e dois programas de paradigmas de vida no espaço territorial andino. A civilização *Tiwanakuta* - ancestral milenar - e a ocidental capitalista - centenária nesta parte do mundo. A primeira parte da paridade, transita pela triabilidade, passa à tetralidade, em que está implícita a pentabilidade. Além disso, a visão da história é cíclica e em espirais, em que o *nayrax-pacha* (espaço-tempo de antes) e o *nayrax-*

suyu (espaço territorial de antes) são mais importantes do que o *jutir pacha* (futuro). Isto é, o passado é muito importante para ver o devir e a projeção do futuro.

Por outro lado, a segunda - ocidental - parte da unidade solta, da unidimensionalidade, do monopensamento, para transitar ao materialismo dialético marxista, em que se cultiva a dicotomia de anulação de um pelo outro. Assim, conseguem o sucesso e a competitividade apregoados. Aqui, a visão da história é linear, em que o passado é passado, e o futuro é mais importante, porque o passado é passado e pisado.

Eu chamo esses formatos de programas de vida de “software das matrizes civilizatórias culturais”, pois cada civilização faz e cultiva os valores de forma diferente. Uma, de forma mais cosmoconvivial, com os diversos mundos em harmonia, uma cultura convivial como a andina. E a outra, privilegiando o direito e a propriedade privada, uma cultura da iniciativa e da acumulação privada.

IHU On-Line - Em uma sociedade globalizada e mundializada, como o bem viver nos ajuda a nos situar diante daquilo que você chama de “superposição/imposição de valores e paradigmas exógenos”?

Simón Yampara Huarachi - A invasão colonial abriu precisamente espaços de globalização e de mundialização do sistema capitalista. Entendemos isso como superposição/imposição de valores e paradigmas de vida exógenos, como a tendência ao “desenvolvimento/progresso” para alguns, e à fome, pobreza material e miséria para outros. A descolonização é a identificação e a diferenciação dos sistemas e o cultivo de valores diferenciados a partir das civilizações. Assim, a partir desses espaços, antes de excluir ou incluir - que é negar ou formatar em um ou outro como política de exclusão ou incorporação -, precisamos complementar para entender o percurso da convivência em harmonia integral das energias dos diversos mundos. Isso faz parte do *suma qamaña*, mais reconhecido como bem-viver. Por isso, é preciso ver como uma *apjhata* (contribuição) de uma civilização à vida.

IHU On-Line - Passamos por uma crise ambiental e climática. Nesse sentido, que outro tipo de relacionamento com a natureza nos é proposta a partir do bem viver?

Simón Yampara Huarachi - O *ayni*, o processo da convivialidade dos diversos mundos do ecossistema andino, desempenha um papel de emulação e complementação das dimensões da materialidade e da espiritualidade. Ali, a cerimônia ritual assume a função articuladora e interativa de modo complementar a ambas as dimensões, os espaços, em que *waxta* (convidar, convocar, oferecer), *phuqhacha* (dar, outorgar, cumprir radicalmente), *ch'alla* (orvalhar, compartilhar, intercomunicar), as energias, são instâncias de comunicação, entretenimento, partilha por intermédio das folhas de coca e da *q'uwa* (mesa ritual), cerimoniosa e consagrada, com a comunidade das deidades naturais. Nesse sentido, afirma-se que, nos Andes, tudo tem vida e tudo na vida é um *ayni*. Aqui, diferentemente dos valores da sociedade ocidental, em que a materialidade e a luta de classes movimentam a máquina da sociedade, é o *ayni*, nos Andes, que movimenta as energias material e espirituais da vida. *Ayni* ecobiótico, cosmogônico, convivial.

Outro elemento que diferencia a forma de cultivar valores entre os Andes e o Ocidente é que, nos Andes, convive-se em interação com os diversos mundos, como o animal, o vegetal, o da terra, o das deidades naturais, com o mundo das pessoas, em que ninguém é mais nem menos importante. Todos são importantes para o bem-estar e a harmonia da comunidade. No Ocidente, afirmam que o mundo das pessoas, de forma isolada, é mais importante, e, por isso, fala-se de desenvolvimento humano, como observamos anteriormente.

IHU On-Line - Na América Latina, o senhor afirma que vivemos uma “colonialidade do saber e do poder a título do avanço da ciência e da técnica”. Como o bem viver compreende o desenvolvimento e progresso humanos?

Simón Yampara Huarachi - Aqui há um problema de identificação das identidades dos espaços territoriais regionais, o que vemos nos quadros a

seguir:

Nomeação do espaço nacional estatal	Nomeação do espaço regional ou subcontinental	Nomeação do espaço continental
Bolívia, Peru, Chile	Latino-americano	Americano
Qullana-suyu, anti suyu...	Tawa-intinsuyu	Awia-Yala

Essa diferenciação na nomeação dos espaços é muito importante, porque nos indica de onde e que espaço estamos pensando, pois o primeiro não só se impôs sobre o segundo, mas também, como um gerador de valores ocidentais, encobriu o outro, o próprio, e impôs seus valores e sistemas culturais de vida que conhecemos como ocidental. Da América Latina ou Ibero-América, os conhecimentos e os saberes se encaminham a partir deste espaço, deste pensamento e deste paradigma de vida, que têm a ver com a colonialidade do saber-poder muito articulada, mas, ao mesmo tempo, encobridora daquilo que é próprio, dos sistemas de organização e cultivo de valores cosmovivenciais.

Não continuemos acreditando que aqui no Sul até a seta da bússola aponta para o Norte, quando sabemos que, pelo magnetismo do Polo Sul, aqui aponta para o Sul (mas, para nos fazer acreditar, coloca-se a seta ao inverso). Aqui está o sistema educativo, que tem a ver com os valores da colonialidade e uma parcialidade do saber da vida.

Modelo de organização	Paradigma da vida	Forma de cultivar o cosmo-conhecimento
Ayllu-Marka/Tenta Tekoa	Suma Qamaña	Dos Andes: Urin (U), Taypi (T), Aran (A)
Capitalismo/Socialismo	Desenvolvimento-Progresso	Do Ocidente: Tese (T), Antítese (A), Síntese (S)
Ayllu-Marka diferente de capitalismo/socialismo	Suma Qamaña diferente de Desenvolvimento-Progresso	Aqui o Taypi (T) é diferente de Síntese (S)

Nesse outro esquema, mostramos a diferenciação de modelos de organização, de paradigmas de vida e da maneira de cultivar os cosmocimentos e o conhecimento, que são

diferentes. Pela prática histórica de encobrimento do ocidental sobre o andino, faz-se prevalecer os valores da invasão e da colonização, aos quais se quer adicionar, incorporar e formatar alguns valores cujas lógicas não brigam com a do *chip* ocidental.

O problema aqui é reconhecer-nos, fazer encontros como somos, conversas no âmbito de respeito mútuo, da complementaridade e da harmonia entre as partes. Em outras palavras, quero chegar a uma equação: cosmocimentos ancestrais milenares + conhecimento ocidental centenário = um conhecimento mais profundo e renovado.

IHU On-Line - Como o bem viver se posiciona diante da natureza rica e abundante da América Latina? Têm valor os conceitos de riqueza e de acumulação? Viver bem é viver melhor?

Simón Yampara Huarachi - *Tawantinsuyu*, *Awia-Yala* tem sim o seu *qulqa* (armazém) de recursos naturais e riquezas, e sua *qalqu* (cifragem ou contabilização) do arma-

zém de recursos naturais e riquezas. Na América Latina, como dissemos, *suma qamaña* (vivência, convivência entre os diversos mundos em harmonia integral) é diferente de viver-bem e

mais ainda de viver melhor, porque isso implica em que há outros que vivem mal ou vivem em condições piores. Isto é, o povo *aymara-qhichwa* - os *qullanas* - cultivam a abundância regulada e o usufruto redistributivo. Nada de acumulação privada, nem de consumismo como abundância.

IHU On-Line - Como podemos pensar o Outro e a comunidade a partir do bem viver?

Simón Yampara Huarachi - Que Outro? Uma vez que nos reconhecemos mutuamente, buscamos as energias da complementação e da harmonização, como o casal humano na instituição da família. Por isso, não queremos nem resgates, nem inclusão, nem exclusão na convivência em harmonia entre os diversos mundos da natureza.

IHU On-Line - O bem viver, recentemente, entrou no debate político das Constituições do Equador e da Bolívia. O que significa o resgate dessa ideia no atual momento político e histórico da América Latina?

Simón Yampara Huarachi - Para as pessoas provenientes da vertente ocidental e colonial, parece ser um grande avanço, mas para as pessoas cultivadoras dos valores matriciais andino-amazônicos é só um aspecto que se deseja encaminhar desligado da coexistência dos diversos mundos. O das pessoas, sim, mas o mundo vegetal, o animal, o das deidades e da terra parecem ser de uma importância secundária ou subalterna ao mundo das pessoas. E mais: resgatar para formatá-lo no Ocidente? Não é melhor respeitar e complementar? Não é suficiente que esteja nas Constituições, de origem, fundamentação e orientação de um monismo jurídico institucional. Aqui, precisamente, está o confronto não apenas da justiça ordinária, mas também do direito dos povos do *awia-yala* e da justiça *qullana*. Deixemos de pensar do ponto de vista de uma vertente social, do monopensamento e do monismo jurídico legal. Vejamos que existem outros horizontes e outros códigos jurídicos, que podem muito bem servir para a humanidade.

Nem melhor, nem bem: viver em plenitude

O *Sumak Kawsay* é conjugado no plural. Para os povos indígenas, a plenitude é construída na comunidade, diferentemente do culto ao individualismo próprio do capitalismo, defende a bióloga equatoriana Esperanza Martínez

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

J á dizia Thomas Merton: “Nenhum homem é uma ilha”. Vivemos em comunidade, sejam elas locais ou nacionais. Mas, acima disso, somos filhos de uma mesma Mãe Terra, a *Pachamama*, como a chamam os índios andinos. Em outras palavras, pertencemos a uma comunidade mais ampla, que abrange todas as comunidades: a natureza.

Por isso, um desafio ético que a situação atual nos coloca é retomar os vínculos com a terra e a natureza. Nesse sentido, os índios andinos também oferecem uma outra perspectiva, formulada no conceito *Sumak Kawsay*, que, em português, se aproxima de Bem Viver. Mas, para a bióloga equatoriana Esperanza Martínez, “o Bem Viver é mais do que viver melhor, ou viver bem: o bem viver é viver em plenitude”.

É possível fazer isso hoje, dentro de nossas condições sócio-culturais? “Como diria Bolívar Echeverría - afirma Martínez -, ‘viver no e com o capitalismo não significa viver para e pelo capitalismo’”. Por isso, defende a estudiosa, precisamos reconhecer que, muito acima do dinheiro, nossa riqueza é a própria natureza: precisamos aprender “a viver na e com a natureza e para e por ela”, afirma.

Esperanza Martínez é bióloga equatoriana e fundadora da ONG ambiental Acción Ecológica, com sede em Quito, no Equador. Ela também é especialista em auditoria ambiental e petróleo, tendo co-fundado a Oilwatch, uma rede internacional de organizações que defende os ecossistemas delicados e os direitos das populações indígenas contra o impacto da extração de petróleo. No ano 2000, Martínez recebeu o prêmio *Casa de la Cultura Ecuatoriana* e, em 2002, o *Prêmio Internacional Alexander Langer*, concedido pela fundação italiana homônima, que, dentre outras coisas, homenageia pessoas que defendem os direitos dos grupos minoritários.

Como consultora da Assembleia Constituinte do Equador em 2008, Martínez trouxe para o debate as questões do meio ambiente e dos direitos humanos para o texto da nova Constituição. Em janeiro deste ano, Martínez foi uma das conferencistas do simpósio latino-americano *Pachamama, pueblos, liberación y sumak kawsay*, promovido pela Universidad Andina Simón Bolívar, do Equador. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o Bem Viver (*Sumak Kawsay*) nos ajuda a compreender e a viver uma nova relação com a terra e com a natureza?

Esperanza Martínez - A proposta do Bem Viver provém de um sujeito histórico, cujos vínculos com a terra e a natureza não estão quebrados, mes-

mo apesar de todo o sofrimento histórico, do despojo e da destruição da natureza: os índios. O bem viver, para eles, é mais do que viver melhor, ou viver bem: o bem viver é viver em plenitude. De fato, o termo utilizado não é *alli kawsay* (*alli* = bem; *kawsani* = viver), mas sim *Sumak Kawsay* (*sumak* = plenitude; *kawsani* = viver).

Só o fato de nos atrevermos a pensar que a meta é a plenitude e que a plenitude supõe relações de harmonia, não de hostilidade; condições de saúde, não de doença; relações de solidariedade, não de competição, nos leva a repensar a nós mesmos com a natureza e a superar a ideia cultivada na modernidade e santificada pela ciência ocidental (a religião) de que a natureza é algo hostil, que devemos dominar para sobreviver, e que aqueles que sobreviverão sempre serão os mais fortes.

Duas coisas são centrais no Bem Viver: o sentido de pertença à natureza e o sentido da comunidade.

IHU On-Line - A senhora diz que há “uma grande diferença em como a sociedade capitalista se aproxima da natureza e como os indígenas fazem isso”. Em traços gerais, quais são essas diferenças?

Esperanza Martínez - Para os índios, a natureza é um sujeito, não um objeto. Os índios reconhecem que a natureza está viva e têm um sentido de pertença, reconhecem a si mesmos como filhos da Mãe Terra (a *Pachamama*). Têm uma maior compreensão sobre os ciclos da vida das diferentes espécies, e por isso aplicam diferentes práticas e restrições. Sua visão de longo prazo compreende o ciclo da vida.

Para a sociedade capitalista, a natureza é um objeto de propriedade que temos o direito de explorar e destruir para o nosso benefício exclusivo. Importam apenas os ganhos rápidos. Acredita-se que é a tecnologia que irá reparar qualquer problema. E, embora haja respostas de preocupação pelos impactos e as desordens ambientais, estes continuam sendo vistos como algo distante.

IHU On-Line - Na América Latina, vemos em regiões com uma nature-

“O Bem Viver, para os índios, é mais do que viver melhor, ou viver bem: o bem viver é viver em plenitude”

za muito rica e abundante. Como o Bem Viver compreende as noções de abundância e acumulação?

Esperanza Martínez - Na América Latina, encontra-se uma diversidade de ecossistemas muito amplos, muitos dos quais são conservados graças ao fato de serem territórios indígenas, outros foram degradados ou diretamente destruídos, principalmente pela exploração de minerais e petróleo, que são as riquezas naturais mais cobiçadas, porque são justamente as que geraram abundância e acumulação.

Sob o paradigma capitalista na América Latina, estamos sentados em um saco de ouro. Seria estupidez não explorá-la. No entanto, sob o paradigma do *Sumak Kawsay*, a riqueza é a própria natureza, a biodiversidade com as infinitas possibilidades de interagir com ela.

De todas as formas, foi filtrado, sim, em todos os níveis, inclusive em muitos setores indígenas, o sentido de riqueza e pobreza próprias do capitalismo, porque, quando se fala desses termos, a referência imediata é o dinheiro. O *Sumak Kawsay* permite ir além dessas noções - riqueza e pobreza -, porque o fato é que a geração da riqueza provoca pobreza para a maioria. Inclui a noção de explorar a natureza para pagar a dívida social acaba por destruir as bases de subsistência da população local e, portanto, acaba por aumentar os sujeitos dessa mesma dívida social. É um círculo vicioso que se quebra quando são colocados no centro das decisões a sustentabilidade, a saúde, a solidariedade, isto é, o *Sumak Kawsay*.

IHU On-Line - A modernidade capitalista e a cultura ocidental trouxeram às nossas regiões grandes mudanças no campo e à agricultura praticada

pelos povos originários. Como entender a relação com a terra a partir do Bem Viver?

Esperanza Martínez - A produção de alimentos é a atividade prioritária dos povos e dos países, e é verdade que a modernidade introduziu técnicas e produtos que desempenharam um papel na alimentação e na agricultura. Na maioria dos casos, as empobreceram, e principalmente perdeu-se o controle sobre o processo. As sementes híbridas, os agroquímicos, as monoculturas determinaram que se perdesse a soberania alimentar.

O mais grave é que são desprezadas e desconhecidas as tecnologias de culturas que fizeram avanços impressionantes nessas questões: o manejo da água, o cultivo em terraços, a associação e a rotação de cultivos, a domesticação das plantas são invenções geniais dos índios.

IHU On-Line - Em uma sociedade globalizada e mundializada, como o Bem Viver nos ajuda a repensar a noção de indivíduo e de comunidade?

Esperanza Martínez - O *Sumak Kawsay* é conjugado no plural. Para os povos indígenas, a plenitude é construída na comunidade, diferentemente do culto ao individualismo próprio do capitalismo. A consciência da responsabilidade individual é importante, mas não suficiente. Para que seja realmente transcendente, requerem-se mudanças coletivas. Mudanças que recuperem os saberes, superem as desigualdades, construam-se na diversidade e no respeito. Que reconheçam, por exemplo, que, na regeneração e na manutenção da vida, são as mulheres, as agricultoras e as índias que mantêm esses ciclos em condições de absoluta desigualdade.

Mas também é necessário reconhecer que, mesmo quando o capitalismo está globalizado, os povos indígenas não vivem dele, mas se mantiveram graças a suas práticas comunitárias e a relações não capitalistas de produção e consumo. Como diria Bolívar Echeverría¹, “viver em e com o capitalismo não significa viver para e pelo capitalismo”.

¹ Bolívar Vinicio Echeverría Andrade (1941-2010): filósofo equatoriano, professor de Filosofia na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). (Nota da IHU On-Line)

“Duas coisas são centrais no Bem Viver: o sentido de pertença à natureza e o sentido da comunidade”

IHU On-Line - A senhora diz que, para os povos indígenas, a *Pachamama* é um sujeito com direitos de existência. As políticas públicas podem defender esses direitos?

Esperanza Martínez - Com restrições, quando há ameaças de danos permanentes ou graves aos ecossistemas. Aplicando o princípio de precaução nas atividades que podem ter efeitos negativos ao ambiente. Priorizando atividades criativas frente às destrutivas. Respeitando o direito dos povos aos seus territórios. Aplicando processos de consulta vinculantes. Há muitas ferramentas legais que podem direcionar as políticas públicas. Todas as que eu mencionei estão em nossa constituição. Mas, se essa nova noção de direitos não for respeitada, sempre podemos recorrer ao direito à desobediência, à resistência, à vigilância e a prestação de contas.

Não é que as políticas públicas possam defender esses direitos: devem defender esses direitos, senão é preciso mudá-las.

IHU On-Line - Na cosmovisão indígena, incluindo o Bem Viver, como se dá a relação com o sagrado e o transcendente?

Esperanza Martínez - Para os índios, a natureza está impregnada do sagrado. Os rituais, as restrições são o resulta-

do do conhecimento e do respeito à natureza. Quando se bebe chicha, o primeiro gole é dado à terra. Os mitos, lendas e rituais que foram proscritos pelas religiões dominantes são agora reconhecidos como práticas de convivência pacífica e harmônica.

Sem dúvida, na cosmovisão indígena há muitos saberes que, sendo expressões do sagrado e do transcendente, revelam um profundo conhecimento científico da vida, de seus ciclos naturais, de suas reações de adaptação e de transformação. É um pensamento construído por gerações que aprenderam a viver na e com a natureza e para e por ela.

IHU On-Line - O Bem Viver, recentemente, entrou no debate político sobre as Constituições do Equador e da Bolívia. O que significa o resgate dessa ideia no atual momento político e histórico de América Latina?

Esperanza Martínez - Foi dito que, na América Latina, estamos saindo da longa noite neoliberal, que inclui a decomposição dos Estados e a privatização de tudo... Foi dito que parte dos ventos de mudança é recuperar o papel dos Estados e tirar o poder das transnacionais. Nesse contexto, os movimentos sociais de vários países deram passos importantes e conseguiram

colocar novas agendas. Mas, claro, o poder, no sentido amplo do que implica, continua atuando e acomodando-se às novas circunstâncias.

O debate político em torno do *Sumak Kawsay* implica, ou deveria implicar, pensar novamente o modelo econômico. Não é suficiente controlar as transnacionais (porque elas podem mudar sua forma de atuar e utilizar as próprias empresas nacionais). É preciso passar de um modelo baseado na ideia de exploração da natureza para um de convivência, de sustentabilidade, de soberanias, de solidariedade.

O *Sumak Kawsay* convida a repensar o padrão tecnológico baseado no petróleo, no monopólio da tecnologia, e recuperar, reconstruir ou inventar uma tecnologia que construa soberania.

Mas, do ponto de vista do debate político, acredito que é central o reconhecimento do sujeito histórico que construiu e defendeu essas posições: os povos indígenas. Isso deveria significar um giro de timão completo, porque, de uma prática de invisibilização, desprezo ou medo, se deveria passar para um verdadeiro diálogo intercultural.

No entanto, na prática, mesmo agora que temos esse presente do *Sumak Kawsay* e os direitos da natureza, os povos ou organizações, não só da América Latina, mas também do mundo inteiro, quando defendem essas visões, continuam sendo reprimidos e criminalizados. Ainda falta muito a ser feito.



INÍCIO: 13/9/2010
TÉRMINO: 16/9/2010

WWW.IHU.UNISINOS.BR

O desafio de retomar os mitos e reencantar o mundo a partir do Sumak Kawsay

Tatiana Roa Avendaño, ativista e ambientalista colombiana, defende que o *sumak kawsay* permite aos países latino-americanos retomar a utopia de que outros mundos são possíveis

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

Em contraponto a uma visão de mundo desencantada, colonizada e europeizada, o *Sumak Kawsay*, ou Bem-Viver, para os índios andinos, é a expressão de uma retomada de um horizonte de vida almejado por esses povos há milhares de anos.

Para ativista e dirigente ambientalista colombiana Tatiana Roa Avendaño, o *Sumak Kawsay* “nos desafia a estabelecer outras relações com a natureza e entre os seres humanos, a recuperar o diálogo que os povos tradicionais tiveram com a terra”. Por outro lado, é uma ética de vida que nos ajuda a “entender as identidades culturais dos diversos sujeitos sociais que integram esses países”.

Por isso, nesta entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Avendaño afirma que a retomada dessa proposta ética nas Constituições da Bolívia e do Equador nos últimos anos é “o reconhecimento das propostas de atores sociais que tradicionalmente foram invisibilizados e deslegitimados pelas elites do poder” e que hoje “exigem seu reconhecimento e sua participação, defendendo assim o respeito à diferença do pensamento não ocidental”.

Ela explica que o paradigma ocidental - diferentemente do *Sumak Kawsay* - tem duas referências: o mito bíblico do Jardim do Éden e a visão aristotélica da Boa Vida. Porém, o *Sumak Kawsay* ou *suma qamaña* “desafia-nos a construir um novo paradigma civilizatório que nos leve a enfrentar as crises ambiental e social que a humanidade sofre”.

Na prática, defende, nos desafia a superar a ideia de homogeneização cultural que foi construída com a ideia de nação. Porém, ela nos deixa a pergunta: “Como conseguir isso?” Uma possível resposta encontra-se na superação da abstração, da separação e da oposição entre sujeito e objeto, entre fins e meios, que não existe na cosmovisão andina. Por isso, é preciso retomar os mitos, afirma Avendaño e reencantar o mundo, retomando a imaginação, a dependência mútua entre seres humanos e natureza, a afinidade, a interdependência.

Tatiana Roa Avendaño é engenheira, ativista e dirigente ambientalista colombiana. É membro da equipe de trabalho do CENSAT Agua Viva - Centro Nacional Salud Ambiente y Trabajo, em Bogotá, Colômbia, fundado em 1989, e da ONG Amigos de la Tierra Colombia. Também está vinculada à Universidad Andina Simón Bolívar (Equador), no Mestrado de Estudos Latino-Americanos - Política e Cultura. Como ambientalista, promoveu campanhas contra a exploração petroleira e a mineração, e em defesa da água, da vida e do patrimônio natural e cultural. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os aspectos centrais dos conceitos indígenas *Sumak Kawsay* (quéchua equatoriano) ou *Suma Qamaña* (aimará boliviano) e como surgem historicamente?

Tatiana Roa Avendaño - O *Sumak Kawsay*, como fundamento das cartas constitucionais da Bolívia e do Equador, representa uma alternativa de repensar as relações entre os seres humanos e a natureza. Ele coloca-nos

diante da encruzilhada de estabelecer um novo contrato social que recupere as relações éticas entre os seres humanos. O Viver Bem nos propõe um novo horizonte de vida, que não pode ser assumido a partir de uma noção monocultural.

Com a modernidade, as sociedades tradicionais foram desagregadas. Os Estados buscaram articular estas por meio de processos de cultura de

massa, de processos de construção de Estados-nação, o que pressupõe a homogeneidade cultural. Porque, como nos propõe Renato Ortiz, “a modernidade não é apenas indústria, também é nação”.

O processo de modernização associado ao progresso e ao desenvolvimento, por sua vez sinônimo de vida boa no mundo ocidental, tem levado à urbanização da terra. A lógica mo-

derna é a fábrica, é a cidade, e nela a pobreza, as favelas, a contaminação e a destruição da natureza. O bem-estar do Ocidente está associado à competição, à liberdade e ao indivíduo.

Perante essa realidade, o *Sumak Kawsay* nos desafia a estabelecer outras relações com a natureza e entre os seres humanos, a recuperar o diálogo que os povos tradicionais tiveram com a terra, mas também nos desafia a entender as identidades culturais dos diversos sujeitos sociais que integram esses países. De alguma forma, teríamos que superar a noção como foi assumida pelos cientistas sociais e os políticos assumiram. Estes idealizaram a existência de uma nação homogênea, na qual a diversidade estaria orgânica e, se possível, harmonicamente articulada ao todo.

IHU On-Line - O bem viver, recentemente, entrou no debate político sobre as Constituições do Equador e da Bolívia. O que significa o resgate dessa ideia no atual momento político e histórico da América Latina?

Tatiana Roa Avendaño - As novas constituições da Bolívia (2007) e do Equador (2008) incorporaram o conceito de Viver Bem ou *Sumak Kawsay* como um eixo articulador de suas cartas magnas. Dessa forma, ele representa uma alternativa, pois propõe as relações entre os seres humanos e a natureza, propõe-nos um novo horizonte de vida e uma alternativa frente à noção monocultural da atual cultura ocidental.

A incorporação do *Sumak Kawsay* ou *suma qamaña* nessas constituições andinas é o reconhecimento das propostas de atores sociais que tradicionalmente foram invisibilizados e deslegitimados pelas elites do poder, que exigem seu reconhecimento e sua participação, defendendo assim o respeito à diferença do pensamento não ocidental. Há décadas, esses atores sociais têm demandado o reconhecimento dos territórios coletivos, de outros sistemas de crenças, de outras formas de administração da justiça, em geral, de outras formas de compreender e assimilar o mundo.

Sem dúvida, nesses países andinos,

“O *Sumak Kawsay* nos coloca diante da encruzilhada de estabelecer um novo contrato social que recupere as relações éticas entre os seres humanos”

deu-se um passo importante: é a busca de setores tradicionalmente subalternizados que vêm fazendo rupturas para desocidentalizar e descolonizar o pensamento. No entanto, o que foi expressado nas novas constituições - a plurinacionalidade, o conceito de bem-viver - deve ser a base para a construção de alternativas, mas deve se fundamentar em um processo plural, e de forma alguma unidirecional. Não é possível uma única rota, nem um único ator. Deve ser um processo participativo, deve incluir a maior quantidade de setores.

O *Sumak Kawsay* no centro dos debates constitucionais de dois países andinos foi muito importante, dentre muitas outras coisas porque nos permitiu retomar a utopia de que outros mundos são possíveis.

IHU On-Line - O que o Bem-Viver pode nos ensinar em um momento de crise ambiental e climática? Qual relação com a natureza ele nos ensina a ter?

Tatiana Roa Avendaño - É importante fazer a distinção e evidenciar as diferenças que existem entre os conceitos ocidentais de boa vida ou bem-estar e viver-bem, *Sumak Kawsay* ou *suma qamaña* dos povos ameríndios andinos.

O paradigma ocidental do Bem-Viver tem duas referências: o mito bíblico do Jardim do Éden e a visão aristotélica que liga a vida na cidade. Dessa forma, o conceito de viver bem no Ocidente estabelece diferenças substanciais com o paradigma do

Bem-Viver andino.

A primeira e central delas é a separação que o Ocidente estabelece com relação à natureza. A boa vida de Aristóteles é concebida como desligada do mundo natural, é assumida como a vida na cidade, nas *polis*. Fora dela está o incivilizado, a vida do campo, da agricultura, a vida na floresta. É essa a concepção que tem aprofundado a crise ambiental atual.

A natureza não foi só domesticada, mas também transformada, manipulada, urbanizada, mercantilizada. Nada escapa dos circuitos do capital: a água, as florestas, os alimentos, a vida, os genes, a atmosfera. Os processos de destruição das bases naturais são tão agressivos que se está pondo em risco a própria existência da humanidade.

IHU On-Line - Em uma sociedade globalizada e mundializada, como o Bem-Viver entende a noção de alteridade e de comunidade?

Tatiana Roa Avendaño - O *Sumak Kawsay* implica em rupturas importantes, de um lado porque nos propõe a necessidade de provocar profundas transformações nas relações sociais, mas também nas relações com a natureza. O bom viver ou viver bonito poderia contribuir para a articulação das alternativas que são construídas a partir das experiências das mulheres, dos índios, dos negros, dos agricultores e dos ambientalistas, mas também daquelas que são construídas a partir dos movimentos urbanos e de jovens, a partir dos trabalhadores e trabalhadoras, a partir do movimento pela diversidade, para que se possa superar a fragmentação e a setorização das propostas.

O *Sumak Kawsay* ou *suma qamaña* nos propõe um novo horizonte de vida, desafia-nos a harmonizar na realidade nossas relações com a natureza. Isto é, construir a partir daí um novo paradigma civilizatório que nos leve a enfrentar as crises ambiental e social que a humanidade sofre.

No caso equatoriano, a incorporação do bem-viver na constituição levou a uma espécie de transculturação de um conceito que, embora proveinha das cosmovisões dos povos ame-

ríndios andinos, foi introduzido na Constituição como “direitos do bom-viver e regime do bom-viver” (Título VII da Constituição Política). Isto é, ligado aos direitos liberais: acesso à água, ao alimento, ao trabalho, à saúde, ao meio ambiente sadio, à cultura, à informação e à comunicação, estabelecidos em acordos e tratados internacionais, como a carta dos direitos humanos universais e o Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, direitos de segunda e de terceira geração.

Mas, sem dúvida, o *Sumak Kawsay* não está sendo concebido de forma excludente ou pensado apenas para um único setor da sociedade. Ele foi incorporado levando em consideração essa diversidade. Na prática, ele nos desafia a superar a ideia de homogeneização cultural que foi construída com a ideia de nação. A pergunta é: como conseguir isso?

IHU On-Line - A modernidade ocidental tem provocado grandes mudanças no campo e na agricultura. Como entender a relação com a terra a partir do Bem-Viver?

Tatiana Roa Avendaño - De acordo com a cosmovisão andina, vivemos em um mundo vivo e vivificante, um mundo de criação, onde cada um desfruta sua vida ao criar e deixar-se criar. Somos seres, famílias em permanente criação. Essa noção de vida é integral, complexa e holística, simbiótica. No mundo andino, não há lugar para a abstração, para a separação e para a oposição entre sujeito e objeto, entre fins e meios. Como disse o boliviano Javier Medina, “o mundo somos nós mesmos”.

No entanto, sobre essa noção de respeito e de compreensão da natureza e da vida como tecidos em permanente evolução, impôs-se a visão do Ocidente, que rompeu os fios entre natureza e cultura, natureza e sociedade, alma e corpo, céu e terra. O mecanicismo cartesiano substituiu a noção de mundo andino pela de uma máquina, e esta, de acordo com Capra, “tornou-se a metáfora dominante da era moderna”. Essa descrição mecânica da natureza tornou-se o paradigma dominante da ciência no

“A incorporação do *Sumak Kawsay* ou *suma qamaña* nessas constituições andinas é o reconhecimento das propostas de atores sociais tradicionalmente invisibilizados e deslegitimados pelas elites do poder”

período posterior a Descartes.

Com o Iluminismo, impôs-se a razão humana, com o propósito de combater a ignorância, a superstição e, com isso, libertar os seres humanos do medo, já que os espíritos e demônios nada mais são do que o reflexo de seres humanos que se deixam amedrontar pela natureza. A dissolução dos mitos significou o desencantamento do mundo, a derrubada da imaginação por meio da ciência.

A visão cartesiana do universo como um sistema mecânico outorgou uma permissão por meio da ciência para a manipulação e a exploração da natureza, que foi imposta pela cultura ocidental. O que o ser humano deve fazer é se adonar e possuir a natureza, e, para isso, o conhecimento científico seria determinante.

Ao contrapor céu e terra, alma e corpo, cultura e natureza, cimentou-se a espoliação sem limites da natureza. Ao romper-se a dependência mútua entre os seres humanos e a natureza, a afinidade foi transformada em antagonismo; a interdependência, em dominação.

Pelo contrário, o *Suma Kawsay* implica em uma estreita relação com a terra, com as fazendas onde florescem a vida e o alimento, com o cuidado e a criação dos animais com a festa no trabalho coletivo, no mutirão. O *Su-*

mak Kawsay andino está associado à vida em comunidade. A vida doce ou a vida bonita dos povos andinos nos propõe um mundo austero e diversificado, em equilíbrio com a natureza e com o mundo espiritual.

IHU On-Line - Você defende o *Sumak Kawsay* como expressão da descolonização do poder. Em que sentido?

Tatiana Roa Avendaño - Para falar do Bem-Viver como processo de descolonização do poder, devemos refletir sobre o papel desempenhado pelos movimentos sociais indígenas, negros, camponeses, de mulheres, de ambientalistas e de operários, para que esse conceito - assim como outros que o integram: o direito da natureza, o direito à água, à soberania alimentar, o estado palurinacional - seja realidade. Devemos reconhecer que são elas e eles os verdadeiros protagonistas dessas lutas contra-hegemônicas, aqueles que trabalham na construção de alternativas frente à homogeneização das culturas e da vida.

A força das reivindicações de participação política dos povos da América tem sido determinante para que as sociedades americanas incorporem elementos de “um pensamento não ocidental” e “deseuropeizante”, não só em algumas cartas constitucionais, mas também dentro das reivindicações do movimento social continental, chegando inclusive a permear outros movimentos sociais do planeta. Assuntos como a administração de justiça comunitária, a interculturalidade e a plurinacionalidade, as novas relações entre os seres humanos e a natureza, os direitos da natureza, os territórios coletivos, os outros sistemas de crenças são expressões da ruptura que, a partir dos setores tradicionalmente subalternizados, têm desocidentalizado e descolonizado o pensamento, o ser e o saber.

IHU On-Line - Na América Latina, vivemos em regiões com uma natureza muito rica e abundante. Como o Bem-Viver se coloca diante das noções de abundância e acumulação?

Tatiana Roa Avendaño - O *Sumak Kawsay* é um esforço para reconhecer as contribuições e os conhecimentos mi-

lenares dos povos de *Abya-Ayla* para enfrentar o maior desafio que a humanidade tem: a crise ambiental que ameaça a própria existência da humanidade, e cuja máxima expressão são as mudanças climáticas. Por isso, a necessidade de propor novamente as relações entre os seres humanos com a natureza leva necessariamente a uma ruptura com a imposição neoliberal de desenvolvimento e de crescimento econômico, implica e, “superar o capitalismo como sistema social e histórico”, como bem expressa Evo Morales, presidente da Bolívia.

As mudanças climáticas - que nada mais são do que a expressão de uma crise de uma sociedade que se sustentou em um modelo de civilização no uso de combustíveis fósseis e que provocaram o maior desastre ambiental da história da humanidade - não podem continuar sendo enfrentadas a partir de soluções de mercado, como propõe a Convenção de Mudanças Climáticas e o Protocolo de Kyoto¹. Para enfrentar os problemas modernos, requerem-se soluções não modernas, diz Boaventura dos Santos.

Por essa razão, enfrentar a crise climática a partir de novas relações com a natureza leva-nos a escutar o chamado dos povos indígenas, que se opõem à exploração petroleira, como o povo u’wa, que, por mais de uma década, manifestou sua oposição aos projetos petroleiros no seu território. As propostas que são construídas no Equador com o [parque nacional] Yasuni² de deixar o petróleo debaixo da

“Setores tradicionalmente subalternizados vêm fazendo rupturas para desocidentalizar e descolonizar o pensamento”

terra representam soluções reais para as mudanças climáticas.

Os u’wa dizem que o petróleo é *ruiria*. Para esse povo andino, *ruiria* é o sangue da Terra, da Mãe, da *Pachamama*; *ruiria* é sagrado, até porque, sem o sangue, o planeta morrerá. Seguir extraindo petróleo, como atualmente a sociedade ocidental faz, é caminhar inexoravelmente para a morte.

Reduzir os níveis de consumo de hidrocarboneto a zero implicará em transformações totais e concretas na atual civilização. O Bem-Viver não é simplesmente um discurso bonito: é um desafio para assumir profundas transformações em nossas sociedades; é assumir um novo paradigma civilizatório; implica no desafio de harmonizar na realidade nossas relações com a natureza; implica em pôr em prática o reconhecimento dos direitos da natureza; desafia-nos a ouvir as sabedorias de nossos ancestrais; abre-nos a possibilidade para uma descolonização profunda, para um diálogo com a natureza e para reconhecer a sua dimensão espiritual.

IHU On-Line - Há alguma relação entre o *Sumak Kawsay* e o conceito de *Yvy marã ei* (terra sem males) dos guarani? É possível incorporar esses princípios filosóficos e espirituais dos povos indígenas originários na cultura atual?

Tatiana Roa Avendaño - Claro, cada povo indígena que construiu o governo equatoriano fecharam um tratado pelo qual o país receberá US\$ 3,6 bilhões em troca de deixar intacta uma área de proteção ambiental na Amazônia. (Nota da IHU On-Line)

a sua própria visão de mundo mais estreitamente ligada à terra se aproxima de outros em seu sentido espiritual, em suas relações harmoniosas com a natureza e no trabalho comunitário.

Trata-se então de ouvir as propostas surgidas a partir da periferia de nossas sociedades, a dos negros e das negras das nossas costas do Pacífico, do Atlântico e do Caribe, a dos índios andinos e amazônicos, a dos agricultores e agricultoras protetores de sementes e cuidadores da água, a dos índios mesoamericanos, a das mulheres, a dos xamãs, a dos taitas, a dos werjays e de todos nossos avôs e nossas avós que nos ensinaram suas sabedorias e as de tantas outros seres anônimos que, apesar do avassalamento a partir da chamada conquista, garantiram que, ainda hoje, existam diversidade de línguas, de culturas, de espiritualidades, de conhecimentos e de saberes, e de tantas outras formas de nos aproximar e entender o mundo.

Investigar as sabedorias do pensamento indígena, africano, mestiço talvez nos leve a não exigir a construção de nada “novo”, como bem disse o colombiano Adolfo Albán, mas sim a “reconhecer e revitalizar e, certamente, traduzir tudo aquilo que ainda existe como barbárie, exotismos, saberes, fazeres e folclore”.

LEIA MAIS...

Veja o que já foi publicado no sítio do IHU sobre o conceito de Bem Viver:

- *Bolívia. 25 postulados para entender o ‘Viver Bem’*. Matéria publicada em 09-02-2010 e disponível em <http://migre.me/16MAN>

- *O ideal da suma qamaña. Os indígenas e a nova Constituição da Bolívia*. Entrevista com Xavier Albó, publicada em 14-07-2010 e disponível em <http://migre.me/16MBB>

- *Fóruns públicos discutem ‘Bem Viver’ em países andinos*. Matéria publicada em 04-08-2010 e disponível em <http://migre.me/16MDE>

- *O princípio ganha-ganha*. Matéria publicada em 06-08-2010 e disponível em <http://migre.me/16MEX>

1 Protocolo de Kyoto: consequência de uma série de eventos iniciada com a Toronto Conference on the Changing Atmosphere, no Canadá (outubro de 1988), seguida pelo IPCC's First Assessment Report em Sundsvall, Suécia (agosto de 1990) e que culminou com a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança Climática (CQNUMC, ou UNFCCC em inglês) na ECO-92 no Rio de Janeiro, Brasil (junho de 1992). Também reforça seções da CQNUMC. Constitui-se no protocolo de um tratado internacional com compromissos mais rígidos para a redução da emissão dos gases que agravam o efeito estufa, considerados, de acordo com a maioria das investigações científicas, como causa antropogênicas do aquecimento global. (Nota da IHU On-Line)

2 Sobre o tema, leia a matéria “Acordo histórico. ONU e Equador criam fundo para proteger a Amazônia contra exploração de petróleo”, publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU em 05-08-2010, disponível em <http://migre.me/16O09>. Trata-se de uma iniciativa considerada histórica, em que as Nações Unidas e

Bem-Viver: um aprendizado para a humanidade

O líder indígena Davi Kopenawa defende a ideia de que o mundo precisa “ter um xamanismo, um curandeiro para curar a doença das florestas, as epidemias que pegam a nossa alma”

POR PATRICIA FACHIN

Davi Kopenawa Yanomami, líder indígena dos yanomami, se define como o “vigia” de seu povo e tem a função de defender a comunidade, a natureza e a floresta. Nascido na tribo Yanomami Tootobi, próxima à fronteira com a Venezuela, ele se dedica a lutar pelos direitos dos povos indígenas e já viajou ao Reino Unido e a Suécia, em função da causa que defende. Ele vive no Brasil, na fronteira com a Venezuela.

Ao conversar por telefone com a **IHU On-Line**, ele lamenta que o homem branco não entenda o modo de vida do seu povo e relata que o desrespeito com a cultura indígena faz com que muitos índios não queiram mais viver de acordo com sua tradição. “A alimentação da cidade é muito forte, trai o nosso costume e acaba com a coragem de trabalho nas comunidades”.

Para o líder yanomami, o mundo está doente e isso afeta todos os seres vivos da Terra. Ele enfatiza ainda que o caos urbano e a poluição “são como uma doença para as comunidades indígenas do Brasil”. Por isso, ele aconselha: “O homem da cidade também precisa aprender a respeitar a vida da natureza porque ela faz o bem, traz a saúde, alegria e tudo que precisamos para viver bem, sem brigas e sem doença”. Confira o depoimento.

“Hoje os povos indígenas estão preocupados e revoltados porque o homem branco destrói a natureza e as terras indígenas sem conversar com ninguém. Nossa vida e nossos costumes são diferentes dos do homem branco. Estamos lutando para poder viver, defender nossos direitos, nossa saúde, língua e comunidade.

A cultura dos brancos é muito forte nas comunidades indígenas. O movimento nas cidades, os carros e aviões são como uma doença para as comunidades indígenas do Brasil. Nós, que moramos na floresta, tentamos explicar para nossos filhos que os políticos estão tentando acabar com nossa língua e nossos costumes. Por isso, queremos que nossas terras sejam demarcadas e homologadas. O homem da cidade também precisa aprender a respeitar a vida da natureza porque ela faz o bem, traz a saúde, alegria e tudo que precisamos para viver bem, sem brigas e sem doença. Mas a doença está muito grande para todos os povos da Terra e não somente para os índios.

Outros povos indígenas já não falam mais a própria língua e não querem viver como viviam antes: caçar, pescar, trabalhar na roça, plantar mandioca, banana. A alimentação da cidade é muito forte, trai o nosso costume e acaba com a coragem de trabalho nas comunidades. Tem de ter um xamanismo, um curandeiro para curar a doença das florestas, as epidemias que pegam a nossa alma. Por isso é importante ter pajés nas aldeias para controlarem a onda do mundo; pajés que manejem o mundo para não chover e esquentar muito. O planeta é grande, mas os homens ricos ficam invadindo e mexendo nas nossas terras e na natureza.

O meu povo yanomami está mantendo a cultura viva. É um povo diferente dos outros, que estão morando na beira da estrada, perto dos municípios. Esses estão encontrando dificuldades para viver: onde vão caçar como caçavam antes? O lugar dos índios está destruído. Por isso, nós, yanomami, continuamos defendendo os nossos direitos.

Vocês falam em resgate: cortaram a floresta e, agora, para resgatar é difícil e já está tarde. Tem de resgatar antes de destruir. O homem da cidade não gosta da natureza, dos animais, das árvores. Ele só gosta de derrubar e fazer plantação de capim. Quem come capim? O boi. O homem branco é capitalista, pensa só no dinheiro e em derrubar as árvores, matar animais. O remédio medicinal que a gente usa está na floresta. E os brancos também usam esses mesmos remédios para ficar com saúde.

Os índios do Equador estão lutando para salvar um pedaço da floresta que sobrou. Por isso é importante que os índios lutem por seus direitos porque o branco não quer respeitar os direitos indígenas.

Sou vigia do meu povo e tento defender minha comunidade, a natureza e a floresta, que é a casa do povo. Para vocês, floresta é meio ambiente; para nós, ela é uma casa onde se guarda a alimentação e onde vivem outros povos indígenas com seus

“Para vocês, floresta é meio ambiente; para nós, ela é uma casa onde se guarda a alimentação e onde vivem outros povos indígenas com seus costumes tradicionais”

costumes tradicionais.

Nós estamos sendo invadidos, querem casar com as índias, estão perturbando a gente. Nós temos outros costumes, moramos em malocas e elas ficam longe uma da outra e não amontoadas como as dos brancos. Nós gostamos da natureza, dos pássaros cantando, do vento, da chuva. A natureza traz ar limpo e saúde.

O povo yanomami não fala português, não conhece políticos, nem comunidades de outras cidades. Como estragaram nossa saúde, o governo precisa dar um apoio para cuidar da saúde dos índios que estão na floresta.

Nós podemos ensinar o homem branco a pensar antes de destruir, ensinar a comer bem, dormir bem. Os yanomami ensinam os homens a não derrubarem árvores porque elas têm vida e saúde como nós. Podemos ensinar a não poluir nossos rios, peixes, a não garimpar, não deixar entrar mineração e rodovias federais em terras indígenas. Podemos mostrar a luz da sabedoria para sobrevivermos na Terra. Sei que alguns homens não acreditam, mas outros, sim, e estão nos ajudando. O homem branco fala de mudanças climáticas e dizem que e elas são uma doença para os municípios. Os homens da cidade são loucos, cada vez querem ganhar mais dinheiro. Por isso, nós indígenas falamos para preservar a vida da natureza porque ela é uma vida. Se derrubar tudo, fica quente demais, não tem água, não chove mais. Então, quando vou à Brasília, falo que o papel das lideranças e do povo indígena é ensinar os filhos e os netos preservar o pequeno pedaço da floresta que sobrou.”

SIGA O TWITTER DO IHU



http://twitter.com/_ihu



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevistas da Semana

“O Universo estava condenado a existir”

É impossível não existir alguma coisa, teoriza o físico Mario Novello. Saberes compartimentados são prática de dominação política, boa para a técnica, mas não para o saber

POR MÁRCIA JUNGES

“**P**arodiando Sartre, segundo o qual o homem estava condenado a ser livre, este cenário parece indicar que o Universo estava condenado a existir. Isto é, é impossível não existir alguma coisa”. Essa afirmação poderia levar a uma “longa conversa” entre os saberes. A reflexão é do físico brasileiro Mario Novello, na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. Em seu ponto de vista, compartimentar os saberes se configura numa “prática de dominação política”. E continua: “Em verdade, retalhar o mundo, especializar saberes, pode ser uma boa atitude para a técnica, mas não para o saber”. Ainda sobre as origens do Universo, Novello acentua que, enquanto no primeiro modelo do Big Bang “a origem se cerca de um mistério insondável, o modelo de universo eterno dinâmico faz avançar a ciência em sua contínua e incessante formação de novas indagações sobre o universo. Não é isso que devemos entender como a verdadeira prática científica?” Segundo Novello, a principal função da ciência é oferecer explicações racionais para todos os processos da natureza, algo como um “caminhar para sempre”. Mas adverte: “Imaginar que o conhecimento científico vai ser completamente realizado e que esta estrada tem um fim, nada mais é do que a esperança de abarcar o absoluto, um desejo típico dos momentos mágicos, irracionais, da espécie humana”.

Novello é professor do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), no Rio de Janeiro, onde é coordenador do Laboratório de Cosmologia e Física Experimental de Altas Energias. É graduado em Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Física pelo CBPF e doutor na mesma área pela Université de Genève (Suíça), com a tese *Algebre de l'espace-temps*, pós-doutor pela University of Oxford (Inglaterra) e doutor honoris causa pela Universidade de Lyon (França). Conquistou prêmios internacionais, destacando-se a Menção Honrosa por Teses em Cosmologia e Teoria da Gravitação, concedida pela Gravity Research Foundation (USA). É autor de mais de 150 artigos e de inúmeros livros, dos quais destacamos: *Cosmos e Contexto* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989), *O Círculo do Tempo: Um olhar científico sobre viagens não-convencionais no tempo* (Rio de Janeiro: Campus, 1997), *Os jogos da natureza* (Rio de Janeiro: Campus, 2004), *Máquina do tempo - Um Olhar Científico* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005) e *Do Big Bang ao universo eterno* (Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2010). Foi o responsável pela condução da oficina *A relatividade, a física das partículas e as origens do Universo*, ministrada em 17-05-2006 no **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que o senhor afirma que o Big Bang não foi o começo de tudo?

Mario Novello - Para responder a essa questão precisamos antes especificar melhor a pergunta, ou seja, o que entendemos pelo termo Big Bang. Há pelo menos duas formas distintas mas complementares, a saber:

1) Big Bang é o termo genérico de um cenário do universo que os cosmólogos criaram e que identifica uma estrutura dinâmica, associada à observação de que o volume total do espaço tri-dimensional varia com o tempo. Este termo se referia, em particular, à existência de uma fase extremamente condensada (e quente) que ocorreu no

nosso passado;

2) Big Bang é o termo onomatopáico associado a uma explosão que teria dado origem ao nosso universo há alguns poucos bilhões de anos.

Enquanto o primeiro significado é correto, isto é, a quase totalidade dos cosmólogos acredita nesse cenário, a segunda interpretação nada mais é do

que uma extrapolação indevida, sem apoio observacional, e que restringe a função do cosmólogo, proibindo-o formalmente de procurar uma explicação racional para aquele “começo explosivo”. Ademais, como a tradição da física nos ensina, não faz parte da compreensão da ciência a associação de valor infinito (consequentemente, impossível de ser o resultado de uma experiência real) a quantidades físicas que poderiam em princípio serem observáveis. O valor infinito, quando ele aparece como resultado formal de uma equação em uma circunstância idealizada, traduz uma impossibilidade que está associada a uma extrapolação indevida. O valor infinito está dizendo que a teoria que produz este valor não pode ser mais aplicável naquela particular situação. A descrição do fenômeno em questão deveria ser modificada. No caso da teoria da gravitação, que está na base do cenário Big Bang, a própria equação da relatividade geral deveria ser alterada. O autor desta teoria, o físico alemão Albert Einstein¹, é do mesmo parecer, pois segundo suas próprias palavras, citado em meu livro *Do Big Bang ao universo eterno* (Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2010), diz em seu livro de 1948 intitulado *The meaning of relativity*: “Em relação à questão da singularidade inicial dos modelos cosmológicos eu gostaria de dizer o seguinte: a teoria atual da relatividade se baseia em uma divisão da realidade física em um campo métrico (a gravitação) por um lado, e o campo

“No caso da teoria da gravitação, que está na base do cenário Big Bang, a própria equação da relatividade geral deveria ser alterada”

eletromagnético e a matéria, por outro. Em realidade, o espaço será provavelmente de um caráter uniforme e a teoria atual somente será válida como um caso limite. Para grandes valores do campo e da densidade de matéria, as equações do campo e até mesmo as próprias variáveis que intervêm nestas equações não possuem significado real. Não é possível, assim, admitir a validade destas equações para densidades de campo e de matéria muito elevadas. Consequentemente, não é possível concluir destas equações (da relatividade geral) ao serem aplicadas ao universo que o início da expansão do universo seja identificado com uma singularidade no sentido matemático. Tudo que devemos reconhecer é que as equações (da teoria citada) não são aplicáveis nestas regiões”.

IHU On-Line - Se o Big Bang não foi o marco zero para o início do universo, é possível concluir que este é eterno? Por quê?

Mario Novello - Em princípio, há duas possibilidades para o passado do Universo: ou ele começou em uma singularidade (como o Big Bang citado na questão anterior) ou ele não possui um começo a um tempo finito em nosso passado. Estas são as duas opções que a Cosmologia produziu.

IHU On-Line - Considerando essa hipótese do universo como causa incausada, qual é a importância da transdisciplinaridade, como o diálogo da filosofia e da física, por exemplo?

Mario Novello - Não creio que eu concorde com este modo de colocar essa questão. A relação entre a Cosmologia e a Filosofia ou entre outros saberes

faz parte de nossa riqueza cultural. Compartimentar saberes diferentes, impedindo a ação de um sobre o outro equivale a uma prática de dominação política (de um saber sobre o outro) que não produziu na história resultados que nos orgulham. Em verdade, retalhar o mundo, especializar saberes, pode ser uma boa atitude para a técnica, mas não para o saber. No dizer de Ortega y Gasset², lá pelos anos 1930, a redução do saber científico a um conhecimento especializado, técnico, reducionista, não integrado, produziu o afastamento cada vez maior do diálogo com a natureza levando, por exemplo, ao desequilíbrio ecológico e produzindo consequências nefastas para a sociedade.

IHU On-Line - Qual é o impacto dessa nova compreensão do início do Universo em termos existenciais?

Mario Novello - Deixe-me dar um exemplo envolvendo um modelo de universo eterno e você mesmo poderá responder a essa questão. No caso do universo eterno dinâmico existe uma fase anterior à atual fase de expansão que descreve o comportamento global do universo na qual o volume total do espaço diminui com o passar dos tempos. Seu volume atingiu um valor mínimo e passou à fase atual na qual seu volume aumenta com o tempo cósmico. Aparecem então duas novas questões neste cenário que não existem no modelo Big Bang. Como o cientista não pode ter acesso à origem singular, no modelo Big Bang, o comportamento do universo é pensado como se iniciasse sua existência neste ponto único. Não existe nenhuma questão adicional que os cientistas poderiam fazer associada a este momento único de criação.

Já no caso do modelo de universo eterno, duas questões aparecem de imediato: o que colapsou e por que parou de colapsar, invertendo seu processo dinâmico passando de um colapso a uma expansão. Veja que, enquan-

1 Albert Einstein (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiado com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas ideias sobre a natureza corpuscular da luz. É, provavelmente, o físico mais conhecido do século XX. Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista IHU On-Line, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*, disponível em <http://migre.me/16Mto>. A TV Unisinos produziu, a pedido do IHU, um vídeo de 15 minutos em função do Simpósio Terra Habitável, ocorrido de 16 a 19-05-2005, em homenagem ao cientista alemão, do qual o professor Carlos Alberto dos Santos participou, concedendo uma entrevista. Leia, ainda, a edição 130 da IHU On-Line, de 28-02-2005, intitulada *Einstein: 100 anos depois do Annus Mirabilis. João Paulo II. Balanço e perspectivas*, disponível em <http://migre.me/16Mur> e a edição 141, de 16-05-2005, chamada *Terra habitável: um desafio para a humanidade*, disponível em <http://migre.me/16MuZ>. (Nota da IHU On-Line)

2 José Ortega y Gasset (1883-1955): filósofo espanhol, que atuou também como ativista político e jornalista. Sobre o autor, confira a entrevista concedida por José Maurício de Carvalho, Pampa. *Um espaço humano de promessas e realizações*, concedida à IHU On-Line nº 190, de 07-08-2006, disponível em <http://migre.me/16MA9>. (Nota da IHU On-Line)

to naquele primeiro modelo (Big Bang) a origem se cerca de um mistério insondável, o modelo de universo eterno dinâmico faz avançar a ciência em sua contínua e incessante formação de novas indagações sobre o universo. Não é isso que devemos entender como a verdadeira prática científica?

Vazio quântico

Bem, voltando à sua pergunta. Os cientistas geraram assim, vários modelos para entender como se deveria responder àquelas duas novas questões que o cenário do universo eterno provocou. Dentre estas, uma em particular nos interessa aqui. Trata-se da origem do Universo a partir daquilo que os físicos chamam de vazio quântico. Esse vazio não se identifica com a noção convencional, clássica, de ausência total, absoluta de matéria sob qualquer forma. Este vazio tem propriedades e mais importante para nossa conversa aqui: este vazio (em certas circunstâncias) é instável. Isso significa que este vazio não pode durar. Ele não se mantém como tal para sempre.

Parodiando Sartre, segundo o qual o homem estava condenado a ser livre, este cenário parece indicar que o Universo estava condenado a existir. Isto é, é impossível não existir alguma coisa. Você não acha que esta afirmação levaria a uma longa conversa entre diferentes saberes?

IHU On-Line - Por que razões o senhor afirma que a ciência não pode ter a pretensão de explicar tudo?

Mario Novello - Minha frase foi outra. Disse que a ciência não irá nunca explicar tudo que existe. No entanto a atividade científica deve ter sempre a pretensão de explicar tudo que existe e, como comentei há pouco, minha maior crítica ao modelo Big Bang se deve precisamente à sua desistência em continuar procurar a razão daquela singularidade inicial que ele admite. A ciência tem como principal função produzir uma explicação racional para todos os processos observados na natureza. Essa é a função, o objetivo maior do cientista. Mas esse projeto é um caminhar para sempre. Imaginar

“A ciência não irá nunca explicar tudo que existe”

que o conhecimento científico vai ser completamente realizado e que esta estrada tem um fim, nada mais é do que a esperança de abarcar o absoluto, um desejo típico dos momentos mágicos, irracionais, da espécie humana.

IHU On-Line - Qual é a reação dos outros físicos brasileiros e internacionais à sua hipótese publicada em Do Big Bang ao Universo Eterno?

Mario Novello - Não se trata de uma hipótese, nem é nova. Quando a Cosmologia se constituiu como ciência ao longo do século XX, produziu-se um cenário geométrico para interpretar os dados observacionais que os astrônomos obtiveram. Este cenário possuía algumas hipóteses simplificadoras. Isso é natural, pois é assim que se realiza na prática o método científico. A estrutura geométrica do universo foi aceita como associada a uma geometria na qual um tempo cósmico global poderia ser definido, bem ao antigo estilo newtoniano de separar tempo e espaço. No entanto, contrariamente ao modo newtoniano, essa estrutura não era um dado absoluto no mundo, mas somente uma escolha conveniente de representação dos eventos, um modo de associar números a acontecimentos. Esse procedimento é legítimo, mas possui simplificações que os cientistas devem reexaminar ulteriormente.

Pois bem, neste cenário simplificado, aceitando-se uma certa forma de representar a totalidade de matéria e energia existentes, o cientista russo Friedmann³ descobriu, em 1919, uma solução das equações da relatividade geral representando um universo com uma dinâmica associada à dependência do volume total do espaço com aquele tempo cósmico global. Esta solução, como ocorre em várias outras situações da Física,

³ Alexander Alexandrovich Friedmann (1888-1925): matemático e cosmólogo russo, um dos “pais” da teoria de expansão do universo e do Big Bang, juntamente com Georges Lemaître e George Gamov. (Nota da IHU On-Line)

possui uma singularidade, isto é, um momento no tempo em que este volume assume o valor zero. Consequentemente, todas as quantidades físicas associadas (como a densidade de energia, a temperatura) divergem, isto é, assumem (naquele ponto) o valor infinito. Quando tal situação ocorre na ciência, várias propostas para contornar esta dificuldade aparecem. Por exemplo, no começo do século XX uma questão semelhante aconteceu na teoria de Maxwell⁴ a respeito do eletromagnetismo. Ao aceitar que a partícula chamada elétron deveria ser um “ponto geométrico, sem dimensão” criou-se de imediato uma dificuldade de natureza semelhante à da singularidade que falei há pouco, pois ao longo da trajetória do elétron, o campo eletromagnético assume o valor infinito. Várias propostas para contornar a dificuldade do surgimento teórico do infinito foram sugeridas. Entre estas, uma se destacou, argumentando que a dificuldade estaria em se isolar o elétron do resto do mundo, isto é, de esquecer de levar em conta seu *environment*, o meio em que ele está mergulhado. Viu-se que, ao se levar em conta esse exterior do elétron, o problema seria contornado, a singularidade deixaria de existir: o infinito é banido da história processual do elétron. Ora, uma solução semelhante não é possível existir no caso do Universo, pois este não possui “um lado de fora”, um *environment*.

Universo não-singular

O que podemos extrair dessa comparação (e de um sem-número de casos semelhantes na Física) é que os físicos não podem aceitar que uma singularidade (divergência) faça parte de sua descrição da realidade, a não ser provisoriamente, enquanto uma boa teoria não seja criada. Foi essa

⁴ James Clerk Maxwell (1831-1879): físico britânico que demonstrou que as forças elétricas e magnéticas são dois aspectos diferentes do mesmo fenômeno, o eletromagnetismo. Maxwell mostrou que os campos magnético e elétrico atravessam o espaço, sob a forma de ondas, à velocidade da luz. Defendeu que a luz é uma forma de radiação eletromagnética. (Nota da IHU On-Line)

a atitude de Einstein como comentei acima. Ademais, a teoria do universo eterno dinâmica não é nova. Em verdade, o primeiro modelo de universo eterno dinâmico foi publicado por uma revista científica americana chamada *Physical Review* em 1979 quando eu e meu colaborador, o físico gaúcho José Martins Salim⁵, descobrimos uma solução das equações de Einstein representando um universo não-singular, possuindo um *bouncing*. Desde então, outros cientistas propuseram outros modelos não-singulares. No artigo da revista científica *Physics Report* de 2008 que citei, eu e meu colaborador argentino Santiago Bergliaffa⁶ descrevemos com detalhes esses modelos, especificando o que os distingue e as possibilidades de serem diferenciados pela observação.

Por diferentes razões (que descrevi em meu livro) a solução cosmológica de um Universo com *bouncing* foi deixada de lado por quase trinta anos e somente agora está sendo reexaminada com profundidade. O simples fato de termos sido convidados, por uma das mais importantes revistas científicas internacionais, a escrever um trabalho examinando os diferentes modelos de universo eterno dinâmico construídos pelos cosmólogos, responde bem à sua pergunta.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar mais algum aspecto não questionado?

Mario Novello - Sim. Eu gostaria de reproduzir uma seção de meu livro citado acima e referente às questões que você colocou.

ANTECEDENTES

Mesmo sem ter produzido uma explicação racional da origem do Universo, o modelo Big Bang, isto é, a ideia de

5 José Martins Salim: físico brasileiro, doutor pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), com a tese *Equações quasi-maxwellianas da gravitação: aplicações às perturbações dos modelos cosmológicos de Friedmann*. Professor e pesquisador do CBPF. (Nota da IHU On-Line)

6 Santiago E. Perez Bergliaffa: físico argentino, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), doutor em Física pela Universidade Nacional de La Plata com a tese *Diversos Aspectos de la teoría de Kaluza-Klein*. (Nota da IHU On-Line)

“A estrutura geométrica do universo foi aceita como associada a uma geometria na qual um tempo cósmico global poderia ser definido, bem ao antigo estilo newtoniano de separar tempo e espaço”

que o universo tenha sido criado por uma grande explosão que teria acontecido a uns poucos bilhões de anos dominou o cenário cosmológico durante a maior parte da história moderna da Cosmologia e, em particular, desde os anos 1970 a 2000. Isso se deveu a várias circunstâncias e nós teremos oportunidade mais adiante de esclarecer essas causas.

Embora esta imagem extremamente simplista do que teria ocorrido no início da atual fase de expansão do universo não tenha sido ainda totalmente abandonada, devemos reconhecer que ela não tem mais nem o vigor nem a hegemonia que possuía no passado recente. A origem desta mudança de paradigma no imaginário do cientista tem várias causas; uma das mais relevantes está associada a observações astronômicas recentes que foram interpretadas como se a expansão do Universo estivesse sendo acelerada (...).

Há aqui, entretanto, um detalhe que tem faltado às análises que se envolvem na questão do Big Bang e que vai além do simples exame deste modelo e seu possível poder explicativo. É verdade que, ao serem indagados “é o Universo singular” ou “existiu um momento único de criação deste nosso Universo”, um grande número de cosmólogos tenha respondido sim a estas perguntas, embora com ênfase maior nas duas últimas décadas do século passado. Mas essa indagação, embora explicita uma necessidade atávica do homem, estava mal-colocada.

Esta não era a pergunta adequada que deveria ser feita, pois para respondê-la é necessário empreender extrapolação impossível de ser controlada pela observação direta. A boa questão “esta sim, possuindo consequências científicas relevantes” que deve ser colocada é um pouco menos preciosa, menos exuberante, aparentemente menos abrangente, mas bem mais fundamental. A pergunta que deve ser feita é esta: pode a ciência produzir uma explicação racional para a evolução do universo, se o Big Bang for identificado com o começo do universo?

Para entendermos completamente esta questão precisamos esclarecer as propriedades deste modelo. No entanto, é possível, antes disso, dar uma primeira visão das dificuldades intransponíveis que um cenário explosivo provoca. Essa conclusão depende diretamente do modo pelo qual os cientistas constroem uma descrição racional do universo.

De um modo geral, a física se organiza a partir do princípio de Cauchy⁷, que descreve o modo pelo qual se dá o concerto entre teoria e observação. Ao se realizar uma experiência, um certo número de informações sobre um dado processo físico é obtido. Com a repetição desta ou de outras observações, alarga-se o conhecimento de diferentes propriedades associadas ao fenômeno em questão. Este processo é então descrito por uma teoria que permite conhecer sua evolução temporal e inferir previsões. Novas observações permitem então verificar a validade ou não destas previsões. Este procedimento é bastante geral e mesmo uma história do Universo pode ser estabelecida dentro deste modo convencional de organização. Assim, o cientista produz uma explicação dos fenômenos segundo o esquema observação/teoria/observação. Para que se possa efetivamente seguir este procedimento convencional na Cosmologia, é indis-

7 Augustin-Louis Cauchy (1789-1857): matemático francês. O primeiro avanço na matemática moderna por ele produzido foi a introdução do rigor na análise matemática. O segundo foi no lado oposto - combinatorial. (Nota da IHU On-Line)

pensável obter observacionalmente informações sobre as características do Universo em um dado momento. Só assim se poderia elaborar e testar teorias globais de sua evolução. Se, por alguma razão, em algum momento, não for possível medir quantidades físicas de natureza global associadas ao Universo como um todo, este modo de proceder não poderia ali ser empregado. Há várias condições para que esse procedimento possa ser efetivado. A mais simples e fundamental dentre elas requer que todas as grandezas envolvidas sejam descritas por quantidades finitas. Isso se deve ao caráter finito de toda observação, pois qualquer medida requer um número real e finito para caracterizá-la. Assim, ao identificar o começo de tudo com uma explosão inicial - como o faz a proposta do cenário Big Bang -, onde quantidades que poderiam ser a princípio observáveis atingiriam, segundo este modelo, o valor infinito (como a densidade de energia total do Universo), esta condição básica não estaria sendo preenchida. Segue, como consequência inevitável, a impossibilidade de construção de uma ciência da natureza envolvendo a totalidade do que existe: não seria possível construir uma base teórica a partir da qual uma história completa do Universo se estabeleceria. A Cosmologia não descreveria esta totalidade, ou seja, no modelo Big Bang strictu sensu, a Cosmologia não poderia constituir-se como ciência.

LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Mario Novello à IHU On-Line.

* *A cosmologia está mudando a forma humana de pensar*. Edição 142 da Revista IHU On-Line, de 23-05-2005, disponível em <http://migre.me/15Ew3>.

* *Nobel da Física 2006 auxilia a compreender a formação do Universo*. Entrevista especial com Mario Novello, publicada nas *Notícias do Dia* 11-10-2006, disponível no link <http://migre.me/15EyB>.

* *José Leite Lopes: um físico que não aceitava trivializar o conhecimento*. Uma entrevista especial com o professor Mario Novello, publicada nas *Notícias do Dia* 15-06-2006, disponível no link <http://migre.me/15Ezu>.

A hegemonia dos EUA na América é contrastada pela Alba e pelo Brasil

José Virtuoso analisa a conjuntura latino-americana e aponta que a diferença fundamental entre Lula e Chávez está no modelo econômico, social e político

POR GRAZIELA WOLFART E GREYCE VARGAS

Francisco José Virtuoso é diretor do Centro Gumilla, de Caracas, na Venezuela. Ele esteve recentemente na Unisinos, participando do encontro dos diretores dos Centros de Pesquisa e Ação Social da Companhia de Jesus na América Latina. Na ocasião, fez uma análise da conjuntura política latino-americana. Para aprofundar a discussão, a IHU On-Line o entrevistou pessoalmente. Virtuoso afirma que “a Venezuela vive o que muitos países da América Latina também vivem: o descontentamento social não tem canalização e expressão política alternativa. No entanto, não votam na oposição, ou se absterem”. Ao comparar os governos de Lula e Hugo Chávez, José Virtuoso reconhece que “o modelo de Lula parece mais plural e aberto e o modelo de Chávez parece muito mais autoritário e fechado, um modelo que tem Cuba como referência. Se é verdade que temos democracia eleitoral, e se é verdade que há uma presença importante do movimento social na vida pública, no entanto há muito pouco respeito à lei, à Constituição e aos direitos civis”.

Francisco José Virtuoso é membro da Companhia de Jesus desde 1977 e se ordenou como sacerdote em 1990. Licenciado em Ciências Políticas pela Universidade Rafael Urdaneta, de Maracaíbo, Venezuela, é doutor em História pela Universidade Católica Andrés Bello, de Caracas, Venezuela. Ele até agora foi diretor do Centro Gumilla pois assumirá o cargo de Reitor da Universidade Andrés Bello de Caracas. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que diferenças o senhor percebe entre Lula e Chávez em relação à forma de governabilidade?

José Virtuoso - A diferença fundamental está no modelo econômico, social e político. O presidente Lula parece empenhado em construir uma sociedade dentro de um modelo que podemos chamar de economia social de mercado, onde o Estado regula a economia, faz fortes intervenções, mas cria condições para a competência, para a pluralidade econômica, para a intervenção do mundo privado. Em outras palavras, gera uma economia de mercado, mas onde o

Estado tem uma presença muito importante, acompanhado da proteção social, através das políticas sociais. Já o presidente Chávez promove o socialismo do século XXI, onde o Estado tem um papel muito importante na economia; porém, sem acreditar no aporte da economia privada, sem crer no aporte do mercado, ou excluindo e limitando o mercado. O modelo de Lula parece mais plural e aberto e o modelo de Chávez parece muito mais autoritário e fechado, um modelo que tem Cuba como referência. Se é verdade que temos democracia eleitoral, e se é verdade que

há uma presença importante do movimento social na vida pública, no entanto há muito pouco respeito à lei, à Constituição e aos direitos civis. Creio que uma diferença importante em relação ao modelo de Lula é que, neste último, há a liberdade, a pluralidade e o respeito aos outros.

IHU On-Line - Podemos dizer que Chávez perdeu o prestígio na América Latina? A que isso se deve?

José Virtuoso - Acredito que seja em função deste modelo que acabo de descrever. Ficou claro, ao longo da história, que este modelo implementado por Chávez não é o caminho pelo qual os povos querem passar. Chávez teve um grande prestígio como representante das mudanças da América Latina, como uma voz contestadora frente ao expansionismo dos Estados Unidos e como uma voz que buscava expressar os interesses do mundo popular. Mas hoje ele perdeu o prestígio, sim.

IHU On-Line - O que mudou no povo venezuelano com o governo Chávez?

José Virtuoso - Chávez perdeu popularidade também no interior do país. Ele contou com 60% do eleitorado. Atualmente está em torno de 40%. Perdeu uma popularidade importante e, em geral, eu diria que frente a esses 40%, nesse momento, há aproximadamente uns 50% que quer mudança. No entanto, a Venezuela vive o que muitos países da América Latina também vivem: o descontentamento social não tem canalização e expressão política alternativa. A oposição na Venezuela não representa o descontentamento social, de tal maneira que encontramos muitas pessoas que estão descon-

“Uma diferença importante [de Chávez] em relação ao modelo de Lula é que, neste último, há a liberdade, a pluralidade e o respeito aos outros”

tentes com Chávez. No entanto não votam na oposição, ou se absterem.

IHU On-Line - Chávez exerce alguma influência no governo da Bolívia? Como o senhor vê a relação entre Chávez e Evo Morales?

José Virtuoso - A relação com Evo Morales tem sido muito estreita desde o começo. São aliados muito importantes. Chávez apóia as políticas bolivianas e Evo apóia as políticas latino-americanas de Chávez. No entanto, o presidente Evo Morales e o governo da Bolívia têm a sua própria dinâmica. Creio que Evo mantém uma distância, com prudência relativa em relação a Chávez. A sociedade boliviana é também uma sociedade polarizada, dividida e a sintonia ou a vinculação de Evo com Chávez não convém na Bolívia. Por isso, o presidente Evo mantém sua autonomia com respeito a Chávez.

IHU On-Line - Que alternativas o senhor aponta aos principais desafios da América Latina hoje?

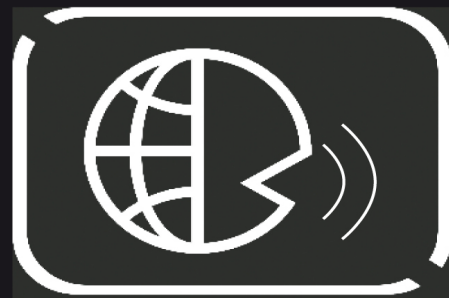
José Virtuoso - O primeiro desafio tem a ver com o modelo de desenvolvimen-

to. A América Latina continua precisando de um modelo de desenvolvimento no qual estejamos inseridos de forma acertada na globalização, onde desenvolveremos produtividade e distribuição da riqueza e onde tenhamos gasto social eficiente, com tributação e recolhimento de impostos. Isso sem falar do desafio socioambiental, ou seja, precisamos de um desenvolvimento que permita conviver com a natureza sem destruir os recursos naturais. No âmbito político também temos o desafio de encontrar o modelo de democracia que mais nos convém. E onde combinemos as instituições clássicas, o modelo liberal e a divisão de poder com uma participação ativa e clara do povo.

IHU On-Line - Qual a principal novidade na relação dos Estados Unidos com a América Latina hoje?

José Virtuoso - É uma relação muito tensa. Os Estados Unidos continuam buscando manter sua hegemonia. São a principal potência militar na América Latina e esse poderio militar está acompanhado de uma ofensiva diplomática muito importante. Neste momento, os Estados Unidos disputam com dois pólos contrários. Um com o presidente Chávez e o grupo dos países da Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América - Alba, que contradizem e se opõem a essa presença hegemônica; e o outro com o presidente Lula, porque o Brasil tem uma vocação de ampla projeção e de interesses, até certo sentido, imperiais na América Latina. Nesse sentido, os EUA também encontram um limite no Brasil. Há alguns anos, os EUA não tinham interlocutor na América Latina, e agora tem: Brasil e Chávez.

**Acesse a entrevista do Dia
em www.ihu.unisinos.br**



A industrialização da cultura religiosa

POR RAFAELA BARBOSA*

A mercantilização da religião já é um fenômeno legitimado na contemporaneidade, com características oligopolísticas, onde um grupo reduzido de igrejas lidera empreendimentos dentro e fora da área religiosa. Neste artigo nos referimos ao meio evangélico. Nota-se que o universo pentecostal surgiu com o propósito de manter-se contrário às práticas da Igreja Católica, como, por exemplo, a veneração de santos e imagens e a confissão individual para a remissão dos pecados, preservando seus preceitos históricos. Com as mudanças socioeconômicas e culturais que o capitalismo desencadeou no mundo, ocorreram reordenamentos estruturais nas organizações religiosas. Parte destas passa a seguir as lógicas capitalistas como instinto de sobrevivência econômica, adotando posturas fundamentadas mais no consumismo que na doutrina, tendo a mídia um papel central em seus movimentos.

No início seria impossível imaginar a ida aos templos para realizar apostas divinas ou até mesmo a constituição de uma bancada evangélica junto ao poder legislativo. Há mais de três décadas houve uma expansão pentecostal, que partiu das promessas da sociedade de consumo, do acesso de crédito aos consumidores e das possibilidades de entretenimento criadas pela indústria cultural. Essa religião ou se mantinha fiel aos seus princípios doutrinários de origem, aumentando sua defasagem em relação à sociedade e aos interes-

ses ideais e materiais dos seus adeptos, ou fazia concessões.

Na sequência, algumas denominações evangélicas subdividiram-se para atender a essa fatia do mercado que estava em franca expansão. A linha doutrinária do culto de pentecostes teve seus desdobramentos até o surgimento do neopentecostalismo. Esta última incorporou procedimentos inovadores aos métodos protestantes, como a pregação de cultos por meio da mídia, a prática da Teologia da Prosperidade, dentre outros.

No cenário brasileiro, a perspectiva midiática neopentecostal inicia em novembro de 1989, quando a Igreja Universal do Reino de Deus - IURD compra a Record. Na década seguinte, evidenciam-se os movimentos de alargamento empresarial desta igreja no setor de radiodifusão. Na atualidade, os números de veículos da rede, são discutíveis, visto que o Ministério das Comunicações credita números inferiores ao que eles anunciam possuir. Mesmo com tal divergência, sua programação na madrugada:

reúne hoje trinta emissoras no país (cinco próprias e 25 afiliadas) e 747 retransmissoras, segundo o Ministério das Comunicações. [Em contrapartida], a Record afirma ter 105 emissoras (entre próprias e afiliadas). Conta ainda com a Record News, a Rede Família e a Record Internacional¹.

1 NASCIMENTO, Gilberto. *Que se cuidem os inféis*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br>

* Mestranda em Ciências da Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade - CEPOS. E-mail: byrafaela_barbosa@hotmail.com.

Tabela 1 - Meios de comunicação da IURD

Impressos	Eletrônicos/digitais
Folha Universal - jornal com tiragem de 2,5 milhões de exemplares.	Arca Universal - sítio de notícias dos serviços da IURD.
Revista Plenitude - Revista de variedade mensal com tiragem de 322 mil cópias.	Rede Aleluia de Comunicação - Rede radiofônica que cobre o país.
Gráfica Universal - imprime livros da IURD, Larousse, Ediouro, dentre outras editoras.	Rede Mulher - rede de televisão aberta, que no horário da madrugada exhibe programas da Igreja Universal.
A visão da fé - revista mensal destinada aos auxiliares dos programas de rádio e TV com tiragem de 150 mil cópias.	Unipress Internacional - Agência de notícias, imagens e vídeo.
Unipro Editora - publica livros de auto-ajuda e infantil.	Studio Up Digital - estúdio de fotografia digital que produz projetos fotográficos em geral.
Correio do Povo (RS)* - jornal de circulação diária.	Line Records - Gravadora evangélica.
Revista Ester - impresso voltado ao público feminino com tiragem de 120 mil cópias.	Bureau Universal Produções - agência de publicidade e bureau de impressão digital.

Fonte: <http://www.universalproducoes.com.br>. Autora.
*O referido veículo faz parte do complexo de comunicação Caldas Júnior, em Porto Alegre, que abrange a TV e rádio Guaíba.

“O poder midiático reforça o discurso de prosperidade, tanto para tentar ganhar adeptos, como comercializar suas produções espirituais”

Parte do crescimento da IURD na América Latina, e em alguns países da América do Norte e Europa, é credita-

com.br/app/materia.jsp?a=2&a2=8&i=5250. Acesso em: 07 dez. 2009.

do ao alcance nacional e transnacional que a Record vem conquistando ao longo dos anos. Os demais veículos liderados pela IURD constituem um complexo de empresas estruturadas nos moldes da indústria cultural, onde setores da indústria fonográfica, literária, radiofônica, televisiva, dentre outros, fortalecem o processo comunicativo institucionalizado, entre os colaboradores, adeptos e o mercado. De acordo com a tabela 1:

O poder midiático reforça o discurso de prosperidade, tanto para tentar ganhar adeptos, como comercializar suas produções espirituais. Cabe ressaltar que a TV serve como reforço

das mensagens veiculadas pela IURD, em função de seu conteúdo de entretenimento popularesco, e opera prioritariamente como uma plataforma tecnológica a reforçar interesses e ideais societários. O uso dos meios de comunicação, de técnicas de marketing e propaganda, da legitimação da Teologia da Prosperidade e, sobretudo, do trabalho dos dirigentes, que focam seus empenhos na proliferação da IURD pelo mundo, estes elementos somados asseguram o desenvolvimento da Igreja, podendo projetar economicamente os outros negócios do grupo empresarial do bispo Edir Macedo, como a Record.

PPGCC UNISINOS
Especialização • Mestrado • Doutorado

Fone: (51) 3591.11.22
Ramal 1356

Para a Compreensão da Economia Política da Teledramaturgia



NÚCLEO DE ANÁLISE DA
TELEDRAMATURGIA

www.grupocepos.net/nat

Contatos:

nat@grupocepos.net

Val.bri@terra.com.br

Kalikoske@hotmail.com

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 17-08-2010 a 20-08-2010.



Novas pautas, novos dirigentes sindicais
Entrevista com Sérgio Nobre, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Paulo

Confira nas Notícias do Dia de 17-08-2010

Disponível no link <http://migre.me/15Upf>.

A pauta e a luta mudaram e com elas o perfil dos dirigentes sindicais. Enquanto na década de 1980 os sindicatos lutavam por diálogo, hoje são recebidos pelas empresas para negociar melhores condições de trabalho.



Parteiras tradicionais: um retorno à valorização do parto natural
Entrevista com Paula Viana, enfermeira e parteira

Confira nas Notícias do Dia de 18-08-2010

Disponível no link <http://migre.me/15Usk>.

Hoje muitas mães querem um parto mais humanizado e natural, e algumas têm optado pelo acompanhamento das parteiras tradicionais. A diferença entre o atendimento de uma parteira para o de um médico é de que ela não tem pressa, acentua Paula Viana.



O rio Xingu, uma das pérolas do planeta, com Belo Monte, está perdido

Entrevista com Oswaldo Sevá

Confira nas Notícias do Dia de 19-08-2010

Disponível no link <http://migre.me/15SKz>.

“Depois de Belo Monte, a água ficará parada e maior parte das praias ficará abaixo da linha d’água”, afirma Sevá. A navegação será diferente e a água tenderá a ficar suja na região de Altamira, porque não há nenhum tipo de tratamento de esgoto.



“Nós, do Pará, não precisamos de mais hidrelétricas”

Entrevista com Edilberto Sena, coordenador da Rádio Rural AM de Santarém no Pará e membro da Frente em Defesa da Amazônia - FDA

Confira nas Notícias do Dia de 20-08-2010

Disponível no link <http://migre.me/16aHq>.

“O governo vende a falácia da energia limpa como se só tivéssemos duas alternativas: ou a energia suja do petróleo ou a energia limpa dos rios. São mais de 58 projetos de hidrelétricas na Amazônia. Cada barragem incide numa inundação imensa rio acima, provocando um distúrbio na bacia do rio abaixo, além da expulsão dos ribeirinhos”, explica Sena.

EAD - JESUS E O REINO NO EVANGELHO DE MARCOS
DATA DE INÍCIO: 16/08/2010

INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR

Confira, a seguir, algumas das entrevistas que foram publicadas pela IHU On-Line no site, no período em que a revista esteve em recesso, coincidente com as férias dos alunos da Unisinos.

A volta do Projeto Ômega

Entrevista com Guilherme Delgado, economista

Confira nas Notícias do Dia de 07-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/16MZj>

Um projeto que já tinha sido cogitado, mas totalmente desconsiderado, durante o governo FHC, volta “repaginado”. Agora chamado de Brasil Investimentos, o Projeto Ômega visa transformar a Bolsa de Valores de São Paulo numa das referências mundiais no mercado de capitais, rivalizando com Nova York, Londres e Hong Kong.

Mobilidade urbana e Copa 2014: Porto Alegre no centro da questão

Entrevista com Nívea Peixoto, arquiteta

Confira nas Notícias do Dia de 10-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/16N0E>

Porto Alegre é uma das cidades com maior tradição em planejamento urbano, porém, nos últimos anos, pouca coisa tem sido feita em relação à mobilidade urbana. Aumentou muito a motorização e a cidade carece de investimentos na área de infraestrutura e de transporte público.

Ficha Limpa: Temos que vigiar aqueles que nunca são pegos

Entrevista com Daniel Seidel, professor da Universidade Católica de Brasília

Confira nas Notícias do Dia de 13-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/16N3k>

O projeto Ficha Limpa foi aprovado e vale nas eleições deste ano. Embora alguns candidatos já tentem burlar a nova lei, os movimentos sociais e a sociedade civil estão atentos e divulgando informações para que a Ficha Limpa seja levado em frente tal como foi aprovado.



XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU - A EXPERIÊNCIA MISSIONEIRA: TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE

DATA DE INÍCIO: 25 DE OUTUBRO DE 2010

INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Data: 24/8/2010	
Evento: Ciclo de Filmes e Debates - Subjetividade e Normalização: Discutindo políticas de identidade e saúde mental na sociedade contemporânea - Pré-evento ao XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana (http://migre.me/15UFU) Palestrante: Profa. Dra. Liliane Seide Froemming - APPOA e Instituto de Psicologia/UFRGS Tema: Exibição e debate do filme Betty Blue, de Jean-Jacques Beineix (França) Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 17h às 19h	
Dia 26-08-2010	
Evento: Ciclo de Palestras Jogue Roayvu: História e Histórias dos Guarani. Pré - evento do XII Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade (http://migre.me/15UJe) Palestrantes: Prof. Dr. Pedro Ignacio Schmitz - IAP- Unisinos Tema: A ocupação proto-Guarani no Rio Grande do Sul Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 19h30min às 22h	
Evento: IHU Ideias Palestrante: Prof. MS Jacques Alfonsin - Unisinos e Edison Costa - Coordenador do Comitê do Plebiscito Popular pelo Limite da Propriedade da Terra no RS (http://migre.me/15UL3) Tema: Limite do Direito de Propriedade da Terra: Do Direito a Terra a Terra do Direito Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 17h30min às 19h	

IHU e Cepat participam do programa de conjuntura da CPAL

O Instituto Humanitas Unisinos - IHU em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT organizam, elaboram e publicam semanalmente, faz quatro anos, uma Análise da Conjuntura. A "Conjuntura da Semana" é publicada em formato de hipertexto a partir dos links das **Notícias do Dia** e da revista **IHU On-Line** publicada toda segunda-feira no sítio do IHU.

A partir de maio desse ano, o sítio do IHU passou a traduzir e publicar a Análise de conjuntura da América Latina e Caribe elaborada trimestralmente pelo Centro Gumilla de Caracas. A iniciativa de produção dessa análise latino-americana e caribenha está sob coordenação do setor de Apostolado Social da Conferência dos Provinciais Jesuítas da América Latina - CPAL.

O IHU, dessa forma, integra-se e

soma-se ao esforço de contribuir com o Programa de Análise do Contexto e da Conjuntura Latino-americana. A conjuntura é um dos quatro programas que faz parte da tentativa de construção de uma rede dos Centros Sociais da Companhia de Jesus espalhados pela América Latina e Caribe. Os outros programas são: Programa de Comunicação e Informação, Programa de Formação Política e Cidadã e Programa de Processos de Incidência (Advocacy).

Nos cinco dias em que estiveram reunidos, os centros sociais jesuítas além do debate da conjuntura, debateram as possibilidades e limites da consolidação de um trabalho em rede. O encontro contou ainda com a participação do bispo da Prelazia do Xingu, Dom Erwin Kräutler. O próximo encontro está previsto para o ano que vem em Cuba.

A seguir, você confere as conjunturas produzidas pelo Centro Gumilla e reproduzidas pelo IHU.

Análise de Conjuntura da América Latina e Caribe - parte 4. Confira as Notícias do Dia 01-06-2010, disponível em <http://migre.me/16NKx>

Colômbia entre a falha da Corte e a falha do Congresso. Confira as Notícias do Dia 30-05-2010, disponível em <http://migre.me/16NNf>

Obama e a sua "nova diplomacia" para a América Latina e o Caribe. Confira as Notícias do Dia 29-05-2010, disponível em <http://migre.me/16NLH>

Haiti. Análise de conjuntura: América Latina e Caribe. Confira as Notícias do Dia 25-05-2010, disponível em <http://migre.me/16NJJo>

Perfil

Erwin Kräutler

POR PATRICIA FACHIN | FOTO GREYCE VARGAS

A costumado com as altas temperaturas da Região Norte do Brasil, Dom Erwin Kräutler estranhou o frio na semana em que esteve no Rio Grande do Sul. O clima mais ameno, no entanto, não tirou a disposição de falar sobre temas que fazem parte de seu projeto de vida nos últimos 40 anos: defender os povos indígenas brasileiros e combater a construção da hidrelétrica de Belo Monte, no Xingu. O bispo da prelazia do Xingu e presidente nacional do Conselho Indigenista Missionário - CIMI foi convidado pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU a ministrar algumas palestras e, na ocasião, entre um chimarrão e outro, contou um pouco de sua história de vida à IHU On-Line. Confira.



O quadro de um índio Kayapó com sua mulher e filho, pendurado em uma parede da casa da família Kräutler, foi um dos primeiros contatos de Dom Erwin com o Xingu. Histórias dos indígenas brasileiros eram conhecidas por meio de cartas enviadas por seu tio, Dom Eurico Kräutler, seu antecessor na prelazia do Xingu, que vivia no Brasil e escrevia para família austríaca, relatando a realidade do país e contando os costumes e estilo de vida de um povo diferente. Foi assim que, ainda menino, Dom Erwin passou a ter um carinho especial pelas comunidades indígenas.

Erwin Kräutler nasceu em Koblach, na Áustria, poucos anos antes da Segunda Guerra Mundial e lembra, até hoje, do dia em que o pai foi chamado para ir ao *front*: “Ele colocou minha irmã e eu no braço, fez o sinal da cruz com água benta e, enquanto isso, a mãe, ao lado, chorava. Graças a Deus, voltou”.

Durante a infância, estudou em sua cidade natal. Na adolescência, ao fazer o exame de maturidade para ingressar na universidade, ele sabia que precisava tomar uma decisão sobre

seu futuro, mas ainda não tinha certeza de sua vocação. Jovem ativo na comunidade, Erwin sempre era convidado a participar das festas, de grupos de teatro e tocava violão. Queria ser médico. Mas, por estar engajado com a juventude, pensava que deveria seguir a carreira de professor.

Com outros colegas, ajudou a formar a Juventude Católica Operária - JOC¹, embora nunca tenha trabalhado como operário. Sua família não tinha posses e ele se dedicava, além dos estudos, ao trabalho na roça e, nas férias do colégio, era ajudante de pedreiro. Foi nesta ocasião que começou a conhecer o ambiente operário. Ele conta que, na época, as fábricas têxteis tiveram um *boom*, pessoas de outras províncias da Áustria migraram para Koblach e a Juventude Operária Católica Operária teve a função de conquistar os imigrantes e inseri-los na comunidade. Essa atividade começou a despertar

¹ Juventude Operária Católica (JOC): movimento jovem da Igreja Católica, parte da Ação Católica, que visava ampliar sua influência na sociedade, através da inclusão de setores específicos do laicato e do fortalecimento da fé religiosa, com base na Doutrina Social da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

nele o interesse em se tornar padre, mas como ainda não tinha certeza de sua vocação, preferiu refletir sozinho. “Só contei para meus familiares no dia em que fiz o exame para ingressar na universidade. Os estudantes tinham o costume de pôr na lapela a cor do curso: vermelho representava Direito; verde, Medicina; azul, Filosofia e preto, Teologia. Escolhi a cor preta”. Ele conta que a família ficou surpresa com a decisão e que o pai o repreendeu: “Não faça brincadeira com coisa santa e sagrada”. Mas ele estava decidido e ingressou na Congregação Missionários do Sangue de Cristo, da qual seu tio já fazia parte. Depois de concluir o noviciado, cursar Filosofia e estudar Teologia, Dom Erwin falou a seus superiores do desejo de ir ao Brasil e atuar no Xingu. Eles aceitaram, mas antes de confirmar sua viagem pediram que fizesse uma bateria de exames para ter certeza de que estava saudável e teria condições de se adaptar ao clima tropical. “Eu praticava esportes e tinha bastante disposição. O médico disse que poderia viver em qualquer lugar do mundo”.

Foi ordenado padre em 3 de julho de 1965 e em 2 novembro embarcou para o Brasil com a vontade de encontrar aquele povo distante, que apenas conhecia por cartas. Naquele tempo, quando um sacerdote mudava para outro país, só poderia retornar para visitar a família depois de 10 anos, mas para ele, isso não era problema. “Quando se é jovem se tem vontade de conhecer o mundo. Posso dizer que, em toda a minha vida, não tive um minuto de arrependimento”.

No Brasil, Erwin foi para Altamira, Pará. Imediatamente quis aprender o idioma para falar igual aos moradores da região. Fez um curso em Belém e depois estudou, durante um mês: manhã, tarde e noite. Ele lembra que a professora de Português era exigente e o fazia repetir as palavras diversas vezes até a pronúncia estar perfeitamente correta. Aprendeu tão ligeiro que meses depois foi convocado pelo bispo a dar aulas na escola da cidade. Afeiçoou-se ao novo país e decidiu naturalizar-se brasileiro. “Quando me perguntam o que sou, digo que sou brasileiro nascido na Áustria. Essa é a mais pura verdade”.

Enquanto pároco na região, Erwin tomou conta de muitas comunidades e viu Altamira se transformar a partir da construção da Transamazônica, nos anos de 1970. “Aconteceu uma migração do Sul para o Norte, do Sudeste para o Norte, e então Altamira aumentou do dia para a noite. Estradas foram feitas, as comunidades aumentaram e a cidade mudou”.

Em 1980, foi nomeado bispo. Ele não tinha essa pretensão e tampouco aguardava receber o convite porque seu tio, Dom Eurico, já era bispo. Ao ser convidado, relutou. “Eu resisti, mas me disseram que todos confiavam em mim e acabei aceitando”. Depois de nomeado, preocupado em desenvolver um trabalho que favorecesse a

comunidade da região, ele se reuniu com padres, irmãs, leigos e leigas e pediu que tipo de bispo queriam. Entre as respostas, “os leigos disseram que gostariam de ter um bispo que possa sentir, na sua própria pele, o que o povo sente”. O compromisso estava selado e ficou ainda mais forte quando, em 1983, ao ser preso pela Polícia Militar por solidarizar-se com canaveiros da Transamazônica, explorados e maltratados, ouviu o grito do povo: “Larga ele! Ele é nosso bispo!”

Dom Erwin conhece todas as comunidades de Altamira e visita, com frequência, as paróquias da região, permanecendo de quatro a quinze dias em cada uma delas. A proximidade com a população e com os indígenas lhe rendeu algumas inimizades e até ameaças de morte. “Sou ameaçado por defender o meio ambiente e os povos indígenas da Amazônia, especialmente no Xingu, e isso contraria interesses de poderosos. Também não aceitam meu posicionamento contra a hidrelétrica de Belo Monte”.

Há quatro anos, por decisão do Estado, Dom Erwin é escoltado 24 horas por dia. Quatro policiais o acompanham em Altamira. “Tinha o hábito de correr todas as manhãs. Nos primeiros meses, os policiais me acompanhavam, mas, posteriormente, fui aconselhado a parar com a atividade física em função da segurança”. A falta de privacidade não o faz desistir. “Eu me posicionei nesse sentido e sei que não estou sozinho”. Apesar de receber acompanhamento policial, as ameaças continuam e, frequentemente, numa festa comunitária ou mesmo na procissão, alguém grita: “Tem de matar esse bispo! Ele vai morrer”. Segundo Dom Erwin, um dos fatos pelo qual também sofre ameaças é a exigência do esclarecimento da morte da Irmã Dorothy Stang², executada em 2005. Como bis-

² Dorothy Mae Stang (1931-2005): freira nor-

po, ele exigiu a investigação do caso e defendeu a existência de um consórcio do crime na região.

Há quase cinquenta anos no Pará, Dom Erwin diz que ser padre é ser irmão do povo e, seguindo os exemplos de Jesus Cristo, vai ao encontro de seus semelhantes. Simples e entusiasmado, defende, acima de sua própria vida, a luta indígena e os direitos humanos.

LEIA MAIS...

* *Belo Monte. “Lula será lembrado como o presidente que acabou com os povos indígenas do Xingu”*. Entrevista especial com Dom Erwin Kräutler, publicada nas Notícias do Dia 14/08/2009, disponível no link <http://migre.me/16Noc>

* *Belo Monte. “Projeto faraônico e gerador de morte”*. Entrevista especial com Dom Erwin Kräutler, publicada nas Notícias do Dia 17/12/2009, disponível no link <http://migre.me/16NqA>

* *“Só os índios, hoje, se preocupam com o futuro. Os brancos só olham para o presente”*. Entrevista especial com Dom Erwin Kräutler, publicada nas Notícias do Dia 15/04/2008, disponível no link <http://migre.me/16NrO>

* *“Desenvolvimento na Amazônia se tornou sinônimo de derrubar, queimar, arrasar, matar”*. Entrevista especial com Dom Erwin Kräutler, publicada nas Notícias do Dia 19/02/2008, disponível no link <http://migre.me/16Nve>

* *Estado é incapaz de remediar a justiça social*, entrevista publicada na edição 266, de 28-07-2008, da Revista IHU On-Line, disponível no link <http://migre.me/14bld>

te-americana, naturalizada brasileira. Pertencia à congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Namur. Em 1966 iniciou seu ministério no Brasil, na cidade de Coroa, no Estado do Maranhão. Atuou ativamente nos movimentos sociais no Pará. Sua participação em projetos de desenvolvimento sustentável ultrapassou as fronteiras da pequena Vila de Supupira, no município de Anapu, no Pará, ganhando reconhecimento nacional e internacional. A religiosa participava da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) desde a sua fundação. Defendia uma reforma agrária justa. Irmã Dorothy Stang foi assassinada, com sete tiros, aos 73 anos de idade, no dia 12-02-2005, a 53 quilômetros da sede do município de Anapu. Para maiores detalhes sobre o fato, consulte as Notícias do Dia do sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), endereço www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

**CICLO DE PALESTRAS: PERSPECTIVAS SOCIOAMBIENTAIS E ECONÔMICAS
DO BRASIL 2010 - 2015. LIMITES E POSSIBILIDADES**
INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR

IHU Repórter

Luis Henrique Rodrigues

POR GRAZIELA WOLFART | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

O professor Luis Henrique Rodrigues, do PPG em Engenharia de Produção e Sistemas e coordenador do grupo de pesquisa GMAP (Modelagem para Aprendizagem) da Unisinos estabelece uma diferença entre paciência e tolerância. E se declara muito paciente, porém pouco tolerante. Na entrevista que segue, ele conta um pouco de sua história de vida e explica que gosta de dar o máximo de si em tudo o que faz. “Apesar das pessoas dizerem que sou um bom professor, detesto dar aula. Mas acredito que não precisamos gostar daquilo que fazemos para fazer bem feito. Afinal, estamos fazendo o bem não para nós mesmos, mas para os outros”. Confira.

Origens - Sou porto-alegrense. Somos entre quatro irmãos, dois meninos e duas meninas. Eu sou o segundo. Somos todos colorados. Felizes sempre, agora mais. Tive uma infância normal, típica de uma família de classe média. Morávamos em um bairro que cresceu muito e hoje virou o shopping Iguatemi. Sempre pratiquei muitos esportes, jogava basquete, futebol, judô. Minha mãe era dona de casa e meu pai trabalhava no Grupo Iochpe, onde era gerente administrativo.

Formação - Parte da minha educação foi em Porto Alegre, até o mestrado. Estudei no Colégio La Salle São João, onde fiz o primeiro e o segundo graus, hoje ensino básico. Eu sempre tive bons resultados em termos escolares. Gostava mais da parte quantitativa e matemática, mas nunca tive muita aptidão para a prática de desenhos. Isso fez com que eu decidisse não entrar no curso de Engenharia. Mas também tinha um gosto pela questão da gestão. E foi por isso que optei por Administração de Empresas. Fiz o curso de 1983 a 1988 na UFRGS. No último ano comecei a me aventurar no mercado de trabalho, fazendo estágios e procurando emprego. Mas decidi ouvir o conselho de um professor e

optei por aprofundar minha formação, ingressando no mestrado em Administração na UFRGS. No curso, recebi um forte incentivo para dar sequência ao doutorado. Foi quando fui para a Inglaterra, para a Lancaster University. O curso realizado lá foi em Management Sciences.

Carreira - Retornando ao Brasil, em 1994, recebi um convite para ser professor na UFRGS, no mestrado em Engenharia de Produção. Além disso, em 1995, eu e alguns colegas da universidade montamos uma empresa de consultoria para atuar de forma prática no mercado. A empresa ainda existe, mas há cerca de dois anos vendi a minha parte e me desliguei. Fui professor da UFRGS de 1994 a 1999. Foi quando resolvi sair da universidade e dois dias depois a Unisinos me fez um convite para vir trabalhar no PPG em Administração que estava começando. Desde então, estou aqui. Em 2006 montamos o PPG em Engenharia de Produção, onde passei a lecionar. Recentemente, juntamente com outros pesquisadores, formamos o GMAP Unisinos, que é um formato experimental de grupo de pesquisa, o qual vem desempenhando uma função de conexão entre a universidade, empresas privadas e governo.

Música - Na adolescência tive iniciação musical e tocava trompete. Até pensei em me tornar profissional. Eu dizia que era profissional porque tinha carteira de músico, mas só trabalhava quatro dias por ano, nos bailes de carnaval.

Casamento grego - Dois meses antes de concluir o doutorado e receber um retorno da minha tese, conheci minha esposa: uma grega, de Atenas, que também estava estudando em Lancaster. A Paraskevi é hoje também professora aqui na Unisinos. Casamos em setembro de 1995 aqui no Brasil. Foi uma cerimônia ecumênica. Primeiro nosso idioma comum era o inglês, depois fomos criando nosso esperanto familiar. Mas a Paraskevi tem uma facilidade impressionante para idiomas. Em seis meses ela já estava dando aulas em português. As diferenças culturais existem é claro, mas com o tempo vamos nos adaptando. Temos dois filhos, a Ariadne e o Nicolas, de 6 e 5 anos. A Ariadne tem a personalidade mais grega e o Nicolas tem um jeito mais brasileiro. Os dois são bilíngues. Ser pai é fazer todos os esforços para atender as necessidades da família e, o mais importante, estimular os filhos para que alcancem seus sonhos.



Autor - Ely Goldratt.

Livro - *A meta*, de Ely Goldratt. É um divisor de águas, inclusive em relação à escolha da minha profissão.

Filme - *Cinema Paradiso*, de Giuseppe Tornatore.

Nas horas livres - Horas livres? O que é isso? (Risos). Hoje em dia o tempo livre é dedicado aos filhos, à família. Gosto de brincar e jogar com meus filhos.

Um sonho - Parar de trabalhar tanto e ensinar esportes às crianças.

Política no Brasil hoje - É difícil desvencilhar a questão política da econômica. O Brasil passou,



está passando e provavelmente passará pelas próximas décadas por um privilégio econômico. E nessa bonança econômica a questão política fica extremamente facilitada, independentemente da matriz ideológica de quem está no poder. Politicamente o Brasil ainda é muito imaturo. Temos dificuldades de liderança. Mas é preciso lembrar que temos muito pouco tempo de república. Somos um país que ainda está engatinhando e a consequência disso é que nossa política é muito amadora, muito fraca.

Unisinos - É uma instituição com valores bem definidos, oriundos da doutrina jesuíta e que se derivam para a gestão. E um dos valores que fica mais forte para mim e para meus alunos também é o da seriedade.

IHU - É uma referência. Dentro de uma sociedade consumista, materialista, ter uma frente mais humana e ao mesmo tempo não contrapondo essa sociedade, mas complementando-a, é um diferencial para a Unisinos.

Acesse o sítio do IHU
www.ihu.unisinos.br

É preciso limitar a propriedade da terra?

De 1º a 7 de setembro realiza-se o **Plebiscito Popular pelo Limite da Propriedade da Terra**, organizado por movimentos e pastorais sociais, centrais sindicais e outras entidades. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou uma edição especial da revista **IHU On-Line** para debater o assunto, em 16-08-2010, nº 339, disponível em <http://migre.me/16fh8> No sítio do IHU várias enquetes abordam o assunto. Confira a seguir o modelo da cédula de votação do plebiscito com as duas perguntas que serão feitas:

 Cédula de votação			
1- Você concorda que as grandes propriedades de terra no Brasil devem ter um limite máximo de tamanho?	☐	☐	
	SIM	NÃO	
2- Você concorda que o limite das grandes propriedades de terra no Brasil possibilita aumentar a produção de alimentos saudáveis e melhorar as condições de vida no campo e na cidade?	☐	☐	
	SIM	NÃO	

Do Direito a Terra à Terra do Direito

Engajado na preparação para o **Plebiscito Popular pelo Limite da Propriedade da Terra**, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU traz nesta quinta-feira, 26-08-2010, o advogado do MST e procurador aposentado do Estado do Rio Grande do Sul, Prof. MS **Jacques Alfonsin**, e o coordenador do Comitê do **Plebiscito Popular pelo Limite da Propriedade da Terra** no RS, Edison Costa, para falar sobre o *Limite do Direito de Propriedade da Terra: Do Direito a Terra à Terra do Direito*. Alfonsin concedeu uma entrevista recentemente à **IHU On-Line**, intitulada *Reforma agrária e limitação da propriedade: requisitos para justiça no campo*. O material está disponível em <http://migre.me/16fo5>

Os guarani na origem do Rio Grande do Sul

Nesta quinta-feira, 26-08-2010, o Prof. Dr. **Pedro Ignácio Schmitz** (Instituto Anchietano de Pesquisas IAP-Unisinos), arqueólogo, falará sobre *A ocupação proto-Guarani no Rio Grande do Sul*. A conferência faz parte do **Ciclo de Palestras Jogue Roayvu: História e Histórias dos Guarani**, pré-evento do XII Simpósio Internacional IHU: **A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade**. Para maiores informações, acesse <http://migre.me/16fwf>



Apoio:

